

EUNICE VIVACQUA

SALÃO VIVACQUA

LEMBRAR PARA LEMBRAR



FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

EUNICE VIVACQUA



SALÃO VIVACQUA

LEMBRAR PARA LEMBRAR



MT
869.0(81)
V855a

EUNICE VIVACQUA

SALÃO VIVACQUA

LEMBRAR PARA LEMBRAR

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

Belo Horizonte
1997

GOVERNADOR
Eduardo Azeredo

SECRETÁRIO DE ESTADO DO PLANEJAMENTO
E COORDENAÇÃO GERAL
Walfrido Mares Guia

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Roberto Borges Martins

DIRETORA DO CENTRO DE ESTUDOS
HISTÓRICOS E CULTURAIS
Eleonora Santa Rosa



ISBN 85-85930-19-5

Vivacqua, Eunice
B855s Salão Vivacqua - Lembrar para lembrar / Eunice Vivacqua
Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais.
Fundação João Pinheiro, 1997.
144p. - (Coleção Centenário)

I. Literatura brasileira I. Título II. Série

CDD: 869
CDU: 869

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Eleonora Santa Rosa

PROJETO GRÁFICO

Lúcia Nemer e Guilherme Seara

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Luís Augusto de Lima

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Roseli de Aguiar

REVISÃO

Irene Ernest Dias

SALÃO VIVACQUA

De tantas homenagens que Belo Horizonte tem recebido nos seus 100 anos, dificilmente alguma terá sentido mais lírico que este *Salão Vivacqua*, produzido pelo Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, em sua *Coleção Centenário*, com o decisivo apoio do BDMG Cultural.

Muitos poderão achar que a autora, Eunice Vivacqua, uma testemunha sensível da vida da cidade, tenha optado pelo gênero da prosa para descrever a atmosfera cultural, social e política da Belo Horizonte dos anos 20, mas o que emana desse livro é pura poesia.

É impossível não ficar encantado pelo lirismo daqueles saraus, em que personagens iluminados passeiam pelo casarão da Gonçalves Dias contando-nos uma história que, agora, passamos a compreender melhor. Os nomes são muitos, mas como não citar Achilles Vivacqua, homenageado com tanto orgulho e admiração; Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, de quem se conta um episódio realmente insólito; Abgar Renault, Milton Campos, João Dornas Filho e Baptista Santiago, cujas obras já revelavam a enorme contribuição que acabariam prestando à inteligência de Minas.

Além de tudo isso, o livro é, ainda, uma fonte límpida da qual hão de se servir quantos estejam ávidos por conhecer o folclore daquele cenário, nos seus jogos, cantigas de roda, adivinhações e lendas; a culinária, enriquecida pelas novidades capixabas; a música típica dos saraus, como as valsas, as polcas e as mazurcas, e aquela outra ainda marginalizada, como o tango e o samba; a etiqueta social; e a descrição dos tipos populares, das revistas literárias e dos locais mais em voga.

Registre-se, com muito entusiasmo, o competente trabalho de edição realizado pelo CEHC/FJP, assim como o belo suporte da equipe responsável pelo projeto gráfico e pela pesquisa iconográfica, tornando esta obra valiosa também por sua beleza e harmonia plástica.

Enfim, *Salão Vivacqua* não é apenas mais uma obra a reverenciar Belo Horizonte, mas o resgate e a fixação para a posteridade de momentos inesquecíveis de lirismo e gentileza do nosso passado.

A HÉLIO GRAVATÁ, SAUDOSO AMIGO, A QUEM DEVO O
DESPERTAR PARA A REALIZAÇÃO DESTA OBRA, MINHA
PROFUNDA GRATIDÃO E O FRUTO DO MEU TRABALHO,
QUE DESEJO VER E QUE ORA LHE APRESENTO, EM
COMUNHÃO DE ALMAS E DE IDEAIS.

PARA BELO HORIZONTE, A MINHA DECLARAÇÃO DE AMOR

Não nasci aqui em Minas Gerais, mas no Espírito Santo. Mas é como se fosse, porque desde a infância, aos quatro anos de idade, quando vim para cá, aprendi a amar Belo Horizonte. Sinto-me filha da terra pela assimilação de suas coisas, de sua vivência e até mesmo de sua mineiridade, como uma segunda pele. Não consigo diferenciar a intensidade de meu bem-querer por Cachoeiro de Itapemirim e Belo Horizonte, embora sejam tão diferentes. É um duo amoroso que se entrelaça com suas cargas diversas e antagônicas, do primordial e inconstante mover do mar e da perenidade serena das montanhas, e que me envolve como trama tecida com suas emoções. Isto porque esse bem-querer transcende um coração multiforme e múltiplo, que abrangeu as nuances até o ponto de ninguém acreditar que não nasci do ventre de Minas: me olham até com certa surpresa, tais as minhas mineirices. Com certeza, é porque finquei aqui nesta terra generosa minhas raízes, que se tornaram árvore frondosa, estendendo galhos, trazendo sombras, espalhando sementes e se enchendo de flores e frutos. Com certeza.

Í N D I C E

- 15** A FESTA É IMAGEM E SÍMBOLO
LAÍS CORRÊA DE ARAUJO
- 19** UM RECADO
- 21** AS ESTAÇÕES PRETÉRITAS
- 55** UMA PAUSA
- 65** AS FIANDEIRAS DA MEMÓRIA
- 95** O COMPASSO DOS AMORES-PERFEITOS
NO VAI-E-DEM DAS CORES
- 105** UM EPISÓDIO INSÓLITO
- 115** AS TESSITURAS DOS "ASSUSTADOS"
- 131** AS ESTAÇÕES DO PRESENTE
- 135** ANEXO
- 137** BIBLIOGRAFIA
- 139** TEMPOS DO SALÃO
FERNANDO CORREIA DIAS
- 143** NOTA SOBRE A AUTORA

A FESTA É IMAGEM E SÍMBOLO

LAÍS CORRÊA DE ARAUJO

Os livros de memória, de descrição do tempo passado, têm importância e eficácia quando vão além da informação histórica e sociológica, respondendo assim à emergência do presente e do futuro. São, é verdade, sutilmente perigosos e dispensáveis quando se limitam a ponderações sentimentais e afetivas, em que o "longe" pode tornar-se catarse, valorizando apenas o saudosismo ou a frustração (e, com isso, a alienação do novo), despojando-se da pretensão de indicadores de caminho, com o risco de se fazerem de caráter doméstico e subtraírem o interesse maior de estudos e redescoberta de valores. Então, a palavra "saudade" os qualifica como textos menores, vale dizer, como utopia da felicidade que o olhar de hoje cristaliza como padrão de reminiscência, e não de qualidade e repertório positivo. Fernando Pessoa, o grande poeta português, conseguiu sintetizar essa visão e percepção distorcida do "outro tempo" nos seguintes versos:

Eu era feliz? Fui-o outrora agora.

Entretanto, uma revisão coerente do passado deve ser feita – e ainda que permeada pela sensibilidade – dispensando as tintas banais e os retoques de maquiagem e, com o objetivo básico de permitir-nos o enquadramento, a moldura e a justeza do conjunto de vida cultural, deve incitar-nos a outras investigações que alarguem e ampliem as dimensões de um fenômeno social, contadas e agora podendo ser contabilizadas como dados de observação e da experiência.

Parte do íntimo das pessoas (sua visão psicológica), de seu convívio com situações correntes do cotidiano, a capacidade de induzir-nos a penetrar e extrair de suas memórias os pontos e eixos de segurança na trama convulsa da história. Então, o fato contado se faz documento e inscrição definitiva na identidade pessoal e coletiva. Então, a fugacidade de um momento do tempo se faz duração, se faz

imagem e símbolo, conjugando ritual e aparência com o antropológico conhecimento do "estar aí", do existir.

Este, sim, é o interesse fundante deste livro de Eunice Vivacqua, que delinea a reunião, a festa, o conagraçamento de iniciantes descobridores do valor profundo da aventura do espírito. As variáveis desta festa comunitária, promovida pela família Vivacqua, são apontadas neste texto aparentemente apenas descritivo de "cenas da vida burguesa" nos primeiros anos da novel cidade de Belo Horizonte. A vitalidade e o gostoso dom da expectativa, características de juventude, dos que se lançam à vida, são um testemunho exemplar da urgência de fruição do instante, da entrada na porta do sonho, de amor e glória, sinais indiscutíveis da verdade última que é o desejo humano de responder presente ao presente.

O que está em jogo aqui não é o mecanismo das relações interpessoais apenas, mas a relação eterna entre o eu e o outro, entre o cerimonial (a festa) e o "sentimento do mundo", entre a máscara e o idêntico do ser humano, na circularidade da chamada troca de papéis sociais. Na encenação natural a que antigamente se denominava "salão" e que funciona com base na necessidade de um lugar de refúgio e proteção, de contato para congregar as dispersas esperanças individuais, há uma prática existencial mesclada de anseio de apoio e estímulo para a construção gradativa do homem, encarnando junto à mulher o universo da sociedade e sua atuação como referência do espaço circundante e envolvente.

O Salão Vivacqua foi, certamente, o estabelecimento privilegiado de um grupo representativo da intelectualidade mineira e sua inserção no sistema participativo da formação da urbe.

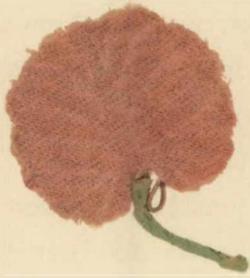
A festa, com seus inumeráveis arranjos e trabalhos, foi o pretexto para o anúncio (ou quebra) do isolamento comum a seres "diferentes", que se impõem ou sofrem o distanciamento e a dificuldade de afrontamento com o próximo. Os atrativos ou o engodo sedutor da aproximação se concretizam, como veremos nestas páginas, na cuidada preparação do cenário, em que os contornos do ambiente, seus adornos, os brilhos do bricabraque de uma casa e seus habitantes se

ligam à sabedoria ancestral do apelo ao apetite, com suas elaboradas guloseimas com também deliciosos nomes e sabores, que nos reportam à recepção da dimensão e qualidade de vida dos primórdios da cidade.

Os personagens que preenchem os interstícios desse espetáculo habilmente planejado e repetido são autênticos por sua existência factual na composição desse quadro, que podemos ousadamente chamar "barroco", pelo empenho com que se entregam ao *carpe diem*, à precariedade e à fragilidade do instante, gozado naquela imagem do efêmero, na representação circunstancial de interioridade que é a festa. São personas e pessoas conectadas por um ato ritual de lance do jogo, nomes como os de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Achilles Vivacqua e outros, apropriando-se do espaço que lhes era concedido para a partilha de afetos e a solidariedade do pensamento, prontos a captarem "o tempo que passa" em seus diferentes simulacros da beleza, do aparecer, do detalhe fantasioso ou da retórica, expostos então no vestuário das *jeunes filles en fleur*, na decoração e na culinária, como símbolo do poder-ser um dia.

É, portanto, uma questão de saber ler ou saber ver o que retém para sempre esta história do Salão Vivacqua, que verbaliza a expressão de transcendência dos seres e coisas para além das datas e acontecimentos. Penetremos com a disposição do prazer este livro e teremos uma visão nítida e de reconhecimento do curso de desdobramento da vida social em Belo Horizonte, a que cada um de seus moradores deve apor a sua medida de valor e, – por que não? – de amor.

Imagem e símbolo da conquista de um espaço vital, o Salão Vivacqua representa a urdidura da trama fina de festa, enquanto ponto de partida para a conquista da sociabilidade e do presente, nas suas duas vertentes, o passado e o futuro.



UM RECADO

PUS-ME A CANTAR MINHA PENA
COM UMA PALAVRA TÃO DOCE,
DE MANEIRA TÃO SERENA,
QUE ATÉ DEUS PENSOU QUE FOSSE
FELICIDADE - E NÃO PENA.

CECÍLIA MEIRELES

Meu depoimento é evocativo, novelo que ajuda a tecer a saudade de mim mesma, recriando a atmosfera belo-horizontina dos anos 20, em cujo espaço se trançaram os fios de uma nova era cultural e política.

Fontes jornalísticas, revistas literárias e inúmeras teses acadêmicas de real valor são testemunhos inequívocos da rica vivência que as inspirou.

As múltiplas feições que permearam os encontros e desencontros desses inquietos jovens e os momentos de confraternização esculpiram a fisionomia móvel dessa época que, até hoje, permanece original.

O movimento modernista emergiu nos clubes, nos cafés, nas pensões e cabarés, nas repartições públicas e se perenizou nos jornais e revistas da época. Em Belo Horizonte, brotou também na Praça da Liberdade, nas ruas e, de forma muito peculiar, nos "assustados" do Salão Vivacqua. Lá, a vida acontecia, tinha seu próprio rumo e ritmo. Lá, o futuro se forjava e tinha o sabor de "suspiros azedinhos" e de "não-me-toques", perpetuados como as inesquecíveis *madeleines* proustianas. Na cadência das mazurcas, valsas e tangos, a poesia corria solta, os versos dançavam livres.

Eu, menina tímida, presenciei muito desses encontros. Participei dos saraus, inconsciente da grandeza do momento. Minhas lembranças do casarão da rua Gonçalves Dias, 1218 estão vivas, aprisionadas no tempo.

É meu desejo partilhá-las com vocês.



Casa da família Vivacqua, rua Gonçalves Dias, 1218

AS ESTAÇÕES PRETERITAS

SÓ DEPOIS DE HAVER SERENADO
TODO O ALARIDO DO POVO,...
FOI QUE VI QUE O SOL HAVIA ENTRADO
PELA MINHA SALA...

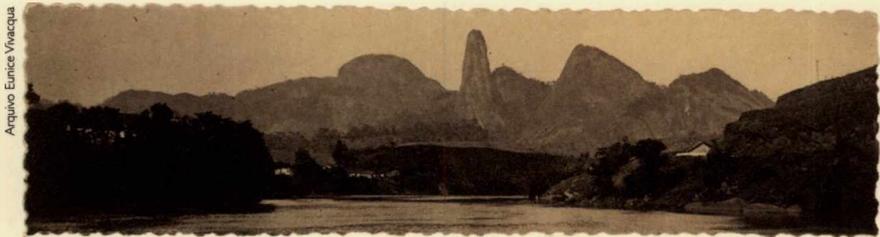
ACHILLES VIVACQUA

Por volta de 1920, o casarão da rua Gonçalves Dias, 1218 passa a ser ocupado por nossa família Vivacqua, vinda do Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, com seus quinze filhos, sendo nove mulheres e seis homens. Formavam a primeira geração: Attílio, Archilau, Achilles, Maria, Angélica, Edelmira, Filomena, Margarida e Abigail. Antônio, Archimedes, José, Eunice, Dora e Cléa vinham no final da safra.

A mudança aconteceu por motivo de saúde de meu irmão Achilles, acometido do “mal do peito” – a temida tuberculose –, por expressa recomendação do eminente Dr. Miguel Couto.

Belo Horizonte, entre suas muitas dádivas, era então considerada cidade-sanatório, de clima ideal para recuperação dos enfermos. Respirar o verde assentando-se debaixo das mangueiras dos grandes quintais, respirar a terebentina da sua seiva e chupar suas mangas douradas era sinal de cura, de vida.

Achilles, então com vinte anos, veio na frente, acompanhado de Maria. Instalaram-se no Hotel Globo, situado na legendária esquina da Afonso Pena com rua da Bahia, fazendo a volta da rua Tupis. Embaixo,



Arquivo Eunice Vivacqua

Vista de Cachoeiro de Itapemirim, com o “o monge e a freira” ao fundo

ficava o Bar do Ponto, “o umbigo de Belo Horizonte”, conquistado pelos intelectuais da época, embora lá só entrassem senhores. Esse ponto jamais perdeu sua tradição hoteleira, passando a abrigar o Palace Hotel, hoje Othon Palace Hotel.

Achilles, também poeta, logo aderiu ao grupo da nova geração belo-horizontina. Irmanados, descobriram – fora das repartições públicas, onde a maioria trabalhava – as suas mais ricas fontes de inspiração no homem cotidiano, na vida das ruas: o café Estrela, o Trianon e o indispensável espaço cultural da Livraria Francisco Alves.

Abgar Renault, em 22 de fevereiro de 1990, gentilmente respondendo a uma solicitação minha, reitera minhas impressões sobre esse constelado momento de comunhão:

“Ficou-me a lembrança de altas figuras não apenas intelectuais, senão também morais, pois o grupo se compôs por afinidades de inteligência, cultura e caráter.”

Ao relembrar a natureza do seu envolvimento com esses companheiros de então, reafirma, a meu ver, o real alicerce que sustentava todo o compromisso coletivo entre eles:

“Era extremamente afetivo, e o grupo que, sem pretensões, se reunia todas as noites no Café Estrela, conversava longamente (...) Apesar da modéstia natural do grupo, creio que de sua existência nasceu algo de útil para a vida intelectual mineira, pois as conversas não cuidavam apenas dos aspectos pessoais do grupo, mas, por igual, de assuntos gerais do país e do estrangeiro.”

Era nesses espaços, ao mesmo tempo públicos e de progressiva interioridade, que iam caminhando aqueles revolucionários moços dos anos 20, com suas ousadias literárias e suas angústias existenciais, traçando, pela estética da palavra, a geografia de uma nova era cultural e política.

Pelo que vem em fragmentos da memória das conversas em minha casa, me parece que foi essa busca conjugada do perene – que transcende ao efêmero e ao cotidiano – que lhes deu alento para

começar a publicar desafiadoramente em jornais e revistas literárias, muitos deles nascidos de seu próprio esforço, como *A Revista*, *Leite Criólo*¹, a revista *Semana Ilustrada* e, em Cataguazes, a célebre revista *Verde*.

E, ao lembrá-los juntos nos saraus do Salão Vivacqua, naquele efervescente ambiente que instigava a criação e a descoberta, acredito que permaneceram indelevelmente unidos – malgrado as distâncias geográficas, estilísticas e ideológicas – por esses elos de amizade e respeito mútuo que só os que sonharam e criaram juntos são capazes de reconhecer.

Como não se deixar seduzir por esta atmosfera, tão propícia aos vãos e mergulhos na amplidão e profundidade da alma humana?

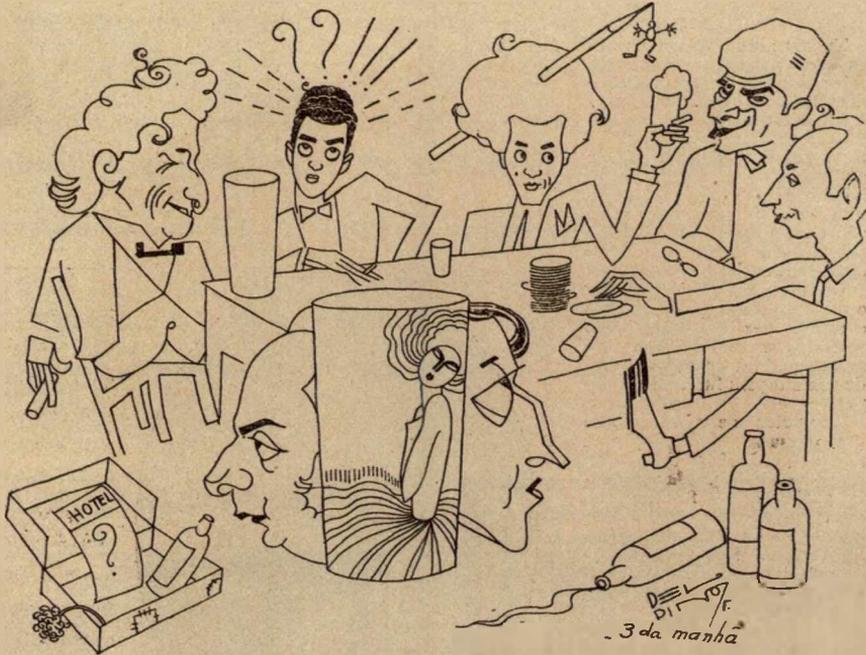
A cidade logo nos cativou. Éramos um clã, mas o impacto de “viver Belo Horizonte” foi revelador para todos nós: a gradativa descoberta de seus encantos e benefícios envoltos, aos olhares desavisados ou distantes, sob a aparente capa de um cotidiano pacato e de



¹ *Leite Criólo* - Em 1928, João Dornas Filho, Achilles Vivacqua e Guilhermino César criaram este "jornal de combate", cujo primeiro número sai em 13 de maio de 1929, com uma seqüência de 16 (dezesseis) números, em formato tablóide, encartado em suplementos literários do *Estado de Minas*. A redação de *Leite Criólo* se situava na própria residência de Achilles Vivacqua, à rua Sergipe, 343. Segundo seus fundadores, o objetivo seria "executar todo um programa contra a bacharelise, a favor da regeneração do mulato, mal-educado por causa do preconceito criado pelo onanismo intelectual dos racistas, filhos naturais de Gobineau com a macaque nacional". Com grande repercussão em Minas, no Rio de Janeiro e São Paulo, filiou-se ao Movimento Antropofágico de Oswald de Andrade e Alcântara Machado e contou com a colaboração dos mais progressistas mineiros da época: Carlos Drummond de Andrade, Francisco Inácio Peixoto, Munilo Mendes, Cyro dos Anjos, Pedro Nava, Abgar Renault e outros.

Para melhores conhecimentos quanto aos discursos estilísticos e ideológicos de *Leite Criólo* e *A Revista*, verificar in BUENO, Antônio Sérgio. *O Modernismo em Belo Horizonte na década de 20*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

A QUARTA DESPEDIDA DE UM ARTISTA



Promovida pela quarta vez e sob os auspícios do poeta Achilles Vivacqua, finalmente effectuou-se, em dias idos, a partida do grande caricaturista Del-Pino, uma das celebridades cá de casa

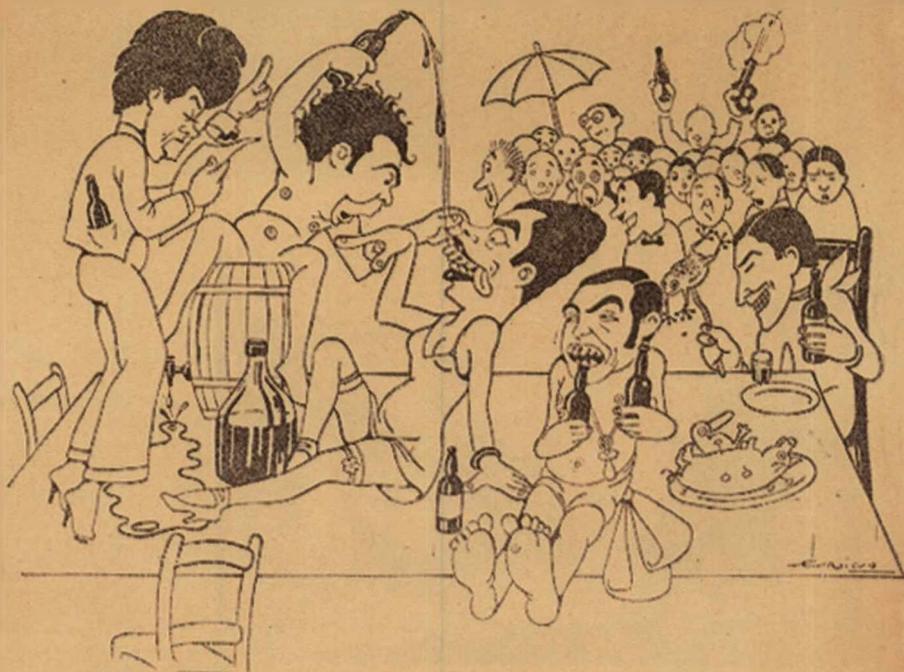
Compareceram ao *chopp* da despedida os snrs João Dornas Filho, Diderot Coelho Junior, Achilles Vivacqua, Erico

de Paula, Aldo Borgatti, por si e pelo Valladares Maciel, e alguns outros amigos sem nomeada.

A' hora do *chopp* duplo falou o sr. João Dornas Filho, como já era de esperar, bebendo até ao meio do copo pelo sr. Achilles Vivacqua que não toma gellados.

Não ouve comidas.

A "REPRISE" DE UM BANQUETE



O Érico, o nosso querido caricaturista, foi também vítima de um banquete no dia do seu aniversário. Presentes os responsáveis: Monsã, Romeu de Avellar, Evagrio Rodrigues e o sr. Valladares (casado), pediu a palavra a aquele nosso companheiro e, nada disse, por causa do barulho que vinham fazendo os "penetras". E, então, todos acharam mais acertado... divertirem-se.

Foi o que se fez durante as 8 horas que durou o tenebroso banquete dos artistas.

O caricaturista Monsã presidiu toda a festa fantasiado de Folia.

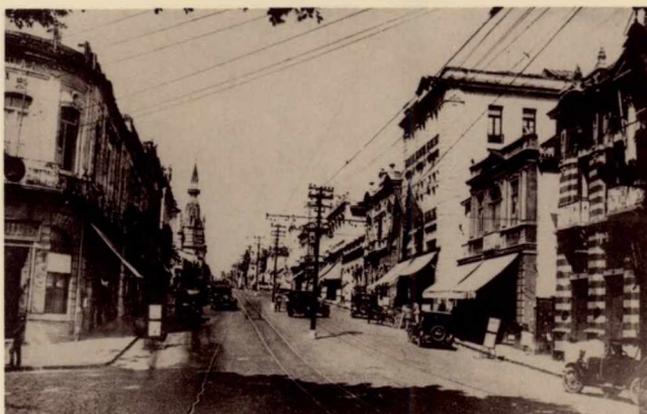
Ao alvorecer um dos "penetras" saudou os "entortados" com um tfo de garrucha. O mais tímido abriu um guarda-sol, com receio de ficar... chumbado...

Acervo EPHA



Interior do Bar do Ponto.
Cerca de 1920

Acervo MHAHB



Trecho da Rua da Bahia.
Década de 30

Acervo APM



Foto do Bar do Ponto, casa
Giacomo, Oliveira e Costa,
A Porcelana etc. - Afonso Pena
entre ruas Tupis e Bahia - 1950

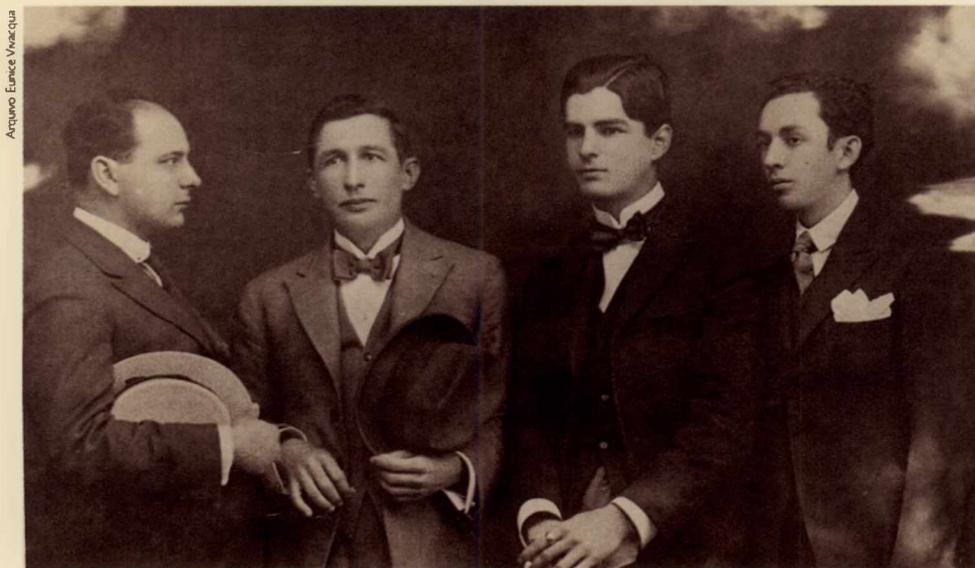


Francisco Galvão, Evágrio Rodrigues (sentado)
e Achilles Vivacqua – 1927

bem viver. Belo Horizonte, à época, já se destacava no cenário nacional pela excelência de suas escolas e de seus cursos universitários, pela qualidade inesgotável de sua vida cultural, no plano literário e artístico – e mesmo pelas atividades de mero entretenimento –, pelo rumo arguto de sua produtividade econômica e, sem sombra de dúvida, pela sagacidade e profundidade do seu estilo de fazer política.

Capturou-nos, de imediato e para sempre, “o sentimento de mineirismo”, tão bem traçado e desvendado por Fernando Correia Dias em *A imagem de Minas* (71), particularmente no capítulo *As raízes e o presente*. Rejeitando os juízos opinativos dos meros estereótipos (“que não são gratuitos”), debruça-se o sociólogo mineiro sobre esta mentalidade coletiva:

“Não se trata do vago modo de ser mineiro. Nem de uma espécie de chauvinismo regional. Nem da valorização arbitrária de Minas, em contraste com outras áreas brasileiras. Trata-se, antes, da consciência de que existe uma sub-cultura mineira bem diferenciada e expressa em fases históricas cru-



Arquivo Eunice Vivacqua

Belo Horizonte, agosto de 1919

Da esquerda para a direita: Antônio Soares Farias, Josias Chagas, Etelberto Franzen de Lima e Achilles Vivacqua

ciais, do ponto-de-vista político ou intelectual: a Inconfidência e a Arcádia, o surto federalista antes de assumir cunho oligárquico, o movimento modernista."

Não sei o motivo exato desse amor à primeira vista. Talvez tenha sido a sintonia com o momento modernista, "decisivo para a consciência de Minas" e em cuja dialética entre tradição e transformação nos comprometemos por inteiro. Talvez, porque compartilhe da ótica do ensaísta, para quem a "individualidade, o marco original de Minas, não a separa do Brasil, mas a integra no Brasil".

Minha mãe, apesar de todas as pressões familiares, jamais quis sair desta cidade.

Dos meus irmãos, os que não foram embora por injunção do casamento ou compromissos de profissão, aqui permaneceram por livre escolha: Angélica, Abigail, Antônio, Cléa e eu. Foi aqui que Achilles viveu, floresceu e faleceu. E sentiu, como eu mesma, o sortilégio desta cidade-menina, como já sugerem os seus primeiros versos de *Nocturno de Bello Horizonte*:

Arquivo Luzia Michalado Gontijo



Carnaval de 1920. Sylvia von Sperling, Policena, Noêmia, Otília von Sperling, Elza Cunha, Oscar Ferreira, Moacyr von Sperling e Vera. Fotografia: Massote

"Para meus olhos... na hora boa, quando os jardins dormidos
Sonham illuminados pela ternura das estrellas
- entre árvores amigas,
sob a penumbra que tomba, lentamente,
como uma fragrância -
Bello Horizonte adormece, numa attitude commovida, aureo-
lada nas longas tranças da Serra-do-Curral, onde a lua vae
subindo, como um Trepa Moleque de marfim..."

O que eu sempre soube, convictamente, é que esta gente mineira, tão avessa aos contatos sociais superficiais, porque cônica da grandeza de sua história, abriu generosamente os braços a este clã que tão bem lhe espelhava a alma.

Foi, contudo, por intermédio de Achilles, com seu jeito singular, que nossa família pôde usufruir da convivência com aqueles jovens que hoje povoam os nossos acervos literários com suas vozes de indiscutível beleza e que, para mim que os surpreendi em sua gênese criadora, continuam muito vivos e muito presentes.

Já todos eles vêm se aproximando da rua Gonçalves Dias, 1218 para aquele encontro decisivo, de rara intertextualidade, entre o movimento literário emergente e o espírito mineiro sagaz, bem-humorado e cheio de calor humano.

Lá estava Carlos Drummond de Andrade com seus olhos quase transparentes, pele muito clara, calado, quase carrancudo, mas tão gentil e excepcionalmente descontraído nos *footings* da Praça da Liberdade.

Abgar Renault, alto, magro, elegante; era, creio eu, o *dandy* da turma, um *gentleman* discreto e inabordável, do qual eu guardava respeitosa distância. À época, registra poeticamente em *Chão e alma de*



Arquivo Afonso Tamm Renault

Abgar Renault e Ignez Brant
Parque Municipal, domingo, em julho de 1927



Casa da família Machado na rua Tupis, 315 (onde hoje se situa o Cine Jacques)

Minas uma faceta significativa desse momento de transformação, também tecnológica:

“Meu forde fordeja dentro da manhã
e sobe a rua velha do meu bairro
arquejando, bufando, fumando gasolina.”

De Pedro Nava, tenho imagens muito vívidas: sempre alegre, com um jeito singularmente cativante e envolvente, dominando as conversas e circulando de cá para lá, no Salão. Ele sempre ouvia, com renovada emoção, como se fora a primeira (ou derradeira) vez, o *Minueto* de Beethoven ao piano.

Era um homem plural: estudante de medicina e ávido leitor, também pintava e desenhava, dizendo que seria melhor pintor que escritor. No antológico álbum de Maria há bela página desenhada por ele e, dentre tantas outras, lembra-me o belo conjunto de ilustrações



Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti, Pedro da Silva Nava e Gilberto Marques Lisboa
Tarde comemorativa da formatura do Cavalcanti, Belo Horizonte, 1926

para o livro de poemas *Folhas que o vento leva...*, de Baptista Santiago. Sobre esse livro, certo especialista afirmou que todo o aparato tecnológico atual ainda não conseguiu recompor, “com a mesma perfeição e delicadeza, a qualidade deste trabalho impresso no início do século nas velhas máquinas da Imprensa Oficial”.

Com esses três, essa *recherche du temps perdu* foi se modificando e se transformando no decorrer dos anos, especialmente pela generosa troca de cartas; acho que por isto pude, além de manter vivas essas conversas, descobrir significados em outras tantas que os meus ouvidos infantis não lograram captar à época.

Lá estavam também o gaúcho Raziél Barcellos e o inesquecível mineiro Milton Campos, a quem mantive consciente fidelidade a cada vez que depunha meu voto nas urnas.

E também João Alphonsus, de imprevistas gargalhadas, que parecia sempre “encrocado com os namoros”, firme na porta dos cinemas e cujo bigodinho era “mais cabuloso que um bonde do Quartel”. Testemunha da crucial transição dos anos 30, desabafava em

seus escritos: "Este Bairro dos Funcionários é o canto da preguiça".

Pelas minhas retinas, chegam mais intensamente as imagens dos que eram mais chegados a Achilles, que participaram dos almoços de domingo e privavam da intimidade da família.

O cronista Evagrio Rodrigues, alvo predileto dos bilhetes das moças da época, publicados em coluna própria na *Semana Ilustrada*. Nas noites de inverno, revejo-o exibindo um capote que pesava dezoito libras, esquecido por um fazendeiro paulista em trem de Juiz de Fora.

O poeta Baptista Santiago que, todas as vezes que estávamos no jardim, me recebia fazendo cafuné em meus cabelos cacheados; de mãos dadas, subíamos juntos para o escritório de meu irmão. Figura expressiva, Drummond – dileto amigo – o considerava um dos melhores poetas que Minas já concebeu; foi nele que Guimarães Rosa se inspirou para criar Santana, a significativa personagem de *Minha gente*, de *Sagarana*. Sua filha Rosa Alice Santiago Musa de Brito, em especial depoimento para mim, assim o introduz no cotidiano de nossas vidas:

Arquivo Eunice Viacava

CIDADE VERGEL

I N V E J A . . .

QUE foi que aconteceu contigo ?
Ainda há pouco,
tu sorria aos sorrisos que ninguém vê...
Ainda há pouco
hasturavas os meus olhos de alegria.
Uma corda tão semelhante ao solista cego,
que chegava ao fundo profundo de mim
uma cadência curta e ligeira
mana, gostosa como todo ?



ARGENTINA

Eu me sorria, sorria aqui dentro, na latência de mim mesmo...
Agora, volte-me as costas e não me olhas...
O dia é uma linha azul... verde... dourada.
Uma festa de complicação de cores,
perfunctória, vana de rumores e vozes de água,
no redor de minha casa,
entre as árvores antigas que a cercam,
no jardim pequeno, de hortaliças, de rosas e de cravos.
E eu sorria... e eu com esta tristeza nos olhos
esta tristeza que não, não porque...
esta tristeza velada, que não serve para fazer esquecer
da minha prazia lábil
na poesia viva e agul de um rylismo que eu nunca tive...
Que foi que aconteceu contigo ?
(Na minha mente,
que livro de um poeta muito amado
evidentemente, perdidamente para mim, sem ar de mundo dentro,
dentro da minha lábil
que eu, só eu, devia ter escrito...)

A B G A R R E N A U L T

Cidade Vergel - Ano I - nº1 - maio 1927



jantar no restaurante "Colosso" em homenagem a Jorge Tavares Guerra, Rua da Bahia, agosto de 1918
Fotografia de H. Den Dopper



Da esquerda para a direita: Afrânio de Melo Franco Junior, Milton Campos, Carlos Quadros, Oscar Netto, Aníbal Machado, Jorge Távares Guerra, Edgard Oliveira Lima, Múcio E. Nelson de Senna, Carlos Maciello, J. Baptista Santiago, Teófilo Melo Santos. À esquerda, o garçon Arquimedes

"Com especial carinho, o jornalista Baptista Santiago lembrava a época em que freqüentou o Salão Vivacqua (1922/26). Nesse ambiente cultural, espontâneo e mágico, ingressou Santiago para colaborar com seu jovem amigo Achilles Vivacqua, que viera do Espírito Santo e desejava fundar a *Semana Ilustrada* em parceria com Delorizano Moraes e Romeu Avelar. Foi uma inovação na cidade incluir fotos aos fatos e à crônica social. Com charges e vinhetas em cores, de muito bom gosto, circularam em 1927, 28 e 29 cerca de 100 números. Foi posterior à Revista Ilustrada, mensal, também do movimento modernista, que circulou somente em 1925."

Entre os mais íntimos também estavam dois jovens irmãos alagoanos que, enquanto diretores da revista mundana *Semana Ilustrada*, da qual Achilles era secretário, mantiveram presente o princípio que norteou todos os que se comprometeram com o Modernismo em Minas Gerais. Sempre abrindo caminho para as publicações de anônimos escritores, os seus integrantes agitaram a vida e a sociedade de Belo Horizonte e até abriram sucursal em Juiz de Fora. Fundaram centros culturais, patrocinaram exposições e promoveram concursos de rainha dos estudantes e dos esportes. Organizaram palestras literárias e festivais artísticos, de caráter beneficente, em prol dos hospitais da capital e até do interior do estado.

Arquivo Eunice Vivacqua



Semana Ilustrada - Ano I - nº52 - 1928
Desenho de Del Piro



Semana Ilustrada - Ano I - nº17 - 1927
Desenho de Monsã

SEMANA ILLUSTRADA

CENTRO DE CULTURA THEATRAL MINEIRA



O escriptor Romeu de Avellar, entre os valiosos elementos do Centro de Cultura Mineira, que vão levar em scena amanhã, no Theatro Municipal, a sua hilariante comedia :
«A pensão de D. Brígida»

Fundado ha um mês nesta Capital, por um conjunto de esforçados artistas amadores, este futuroso Centro levará á scena amanhã, 25 do corrente, ás 8,45, no Theatro Municipal, a hilariante comedia em 3 actos — «A pensão de D. Brígida», — original do nosso brilhante companheiro de redacção, Romeu de Avellar.

E' um acontecimento singular, que enche de entusiasmo e esperança os amantes do bom theatro, e reflecte a co-

ragem e destemor de um pugilo de novos audazes e persistentes.

Ensaíada por Odilardo Costa, um nome que só por si é uma garantia de exito, e representada pelas intelligentes senhorinhas C. Mello, Loló e Lindinha Mello e Esther Bizotto, e pelos senhores Osiris Colombo, Henrique Diniz, Paulo Lana, Joaquim Mello, J. E. de Las Casas e Achilles Vivacqua, a peça de Romeu de Avellar só poderá alcançar o mais ruidoso successo.

EXIJAM GUARANÁ **REAL**



Arquês Enrico Voelgel

Pensão Paraíso dos Simpáticos, março de 1926. Da esquerda para a direita, em pé: Francisco Carvalho Bernardes, João Carvalho Bernardes, Hermann von Tiesenhausen, Rodolfo Freitas Mourão; sentados: Josué Barroso, José Dorcelino dos Santos, Adolfo Pinto Lasmar e João Dornas Filho

Zano, o poeta e contista Delorizano de Moraes, de forte sotaque, a quem Achilles dedicou o *Nocturno de Bello Horizonte*, tinha predileção por minha irmã Cléa, a caçula, que era sempre favorecida com a publicação de seus aniversários na *Semana Ilustrada*.

Seu irmão, o romancista Romeu de Avelar – o Luís Araújo Moraes –, ou simplesmente o Lula, como o chamavam lá em casa, era uma figura romântica, alegre como a vida. Eu o achava valente e formoso como uma personagem dos contos da Carochinha.

Lembro-me bem da atmosfera de euforia quando fundaram o Centro de Cultura Teatral Mineira, em 1927. Estrearam com a hilariante comédia de Lula, *A pensão de Dona Brígida*. No elenco, artistas amadores que eram garantia de sucesso: Senhorinhas Célia, Loló e Lindinha Mello e Ester Bizoto; entre os rapazes, Osíris Colombo, Henrique Diniz, Paulo Lana, Joaquim Mello, T.E. de las Casas e Achilles Vivacqua.

E também aquele que jamais se imobilizou no espelho do tempo: meu fraterno amigo João Dornas Filho, um guerreiro, sobre quem compartilho a opinião de Orlando de Carvalho: "Enfim, o que é voz corrente de seus companheiros: pelas superiores qualidades de seu espírito sabe fazer um amigo verdadeiro de cada pessoa de sua convivência".

Eu o redescobri, ainda mais profundamente, pelo comovido consolo que me prestou, à época da morte de meu irmão. Outros fios nos ligaram à meada da vida, pois João Dornas Filho conviveu com o que seria meu futuro marido na pensão Paraíso dos Simpáticos quando Hermann, a quem ele dedicou um dos seus poemas, chegou da Colônia Padre José Bento:

"Serviço Público do Estado de Minas Gerais

Memorandum

Hermann,

A Natureza contigo

foi feliz em profusão

botando em corpo gigante

um enorme coração...

O teu chapéu é sessenta,

teu pé mede quarentão.

Teu talento é cento e tantos,

tua bondade um milhão...

Por isso, este oito de outubro

tão feliz para todos nós,

precisa ser memorado

com pinga, chopp a Grandjaa...

E que falle todo mundo

Da nossa doida alegria!

Oito de outubro é um só

e as mágoas são todo o dia!..."

A amizade foi se entrelaçando, especialmente quando frequentava a nossa casa, no bairro Santo Antônio, onde éramos vizinhos.

Eu me lembro tanto dele, àquela época e sempre, alegre, bonachão e pronto para brincadeiras. Seus olhos brilhavam quando



A família Vivacqua na casa da rua Gonçalves Dias, em 1924. Da esquerda para a direita: Abigail, Edelmira, Maria Angélica, Filomena, Margarida e Antônio. Sentados: Atílio, Etelvina (mãe), Antônio (pai), Archilau e Achilles.

Sentados no chão: Eunice, Cléa, Archimedes, Dora e Dorci.



(hoje sei) discordava veementemente do sistema, tão freqüente entre alguns literatos de Minas, de insistir em fazer cultura começando de Paris e ignorando “o nosso vizinho: que é o que interessa” – a chamada “macaquice nacional”. Era dileto amigo de Achilles, seu parceiro na busca do equilíbrio interior, sem blagues e subterfúgios. “Queremos simplesmente, mas sinceramente consertar o Brasil (...) com o desmoronamento do poder incontestável das oligarquias rurais”, dizia ele à ocasião do primeiro suplemento de *Leite Criôlo*, em 13 de maio de 1929. Até hoje guardo a convicção de que o verdadeiro poeta não necessariamente precisa ser lembrado pelo volume de suas publicações mas, sobretudo, tem que ter sido fiel a si próprio, com a consciência coletiva de que a arte existe em todos e para todos, esculpida de dentro para fora, na trama cotidiana do bem-querer à humanidade e na sagacidade estética de seus entremeios.

Àquela época, o engajamento de famílias da burguesia culta nos rumos culturais e políticos se fazia de forma muito nítida e peculiar: abriam seus salões aos jovens escritores e artistas plásticos para que estes tivessem um lugar para se reunir, debater suas idéias e utopias, tornar públicos seus talentos artísticos e, quem sabe, também os seus encantos pessoais.

No Rio de Janeiro, ficou famoso o Salão de Dona Laurinda Santos Lobo, na Chácara do Céu.

Em Belo Horizonte, foi o Salão Vivacqua que representou este espaço incentivador da vida político-cultural da cidade, já que em seus saraus aquela rapaziada florescia, improvisando e forjando novas idéias estéticas, em verdadeiros colóquios.

Lembro-me até do mobiliário próprio para complemento dessas intencionalidades: as confortáveis “conversadeiras” da sala de estar, tão similares, na minha lembrança, à “opinião particular” que descobri no *Dom Casmurro*, de Machado de Assis:

“Data daí a opinião que tenho sobre o canapé. Ele faz aliar a intimidade e o decoro, e mostra a casa toda sem sair da sala. Dois homens sentados nele podem debater o destino de um império, e duas mulheres a graça de um vestido; mas, um

homem e uma mulher só por aberração das leis naturais dirão outra coisa que não seja de si mesmos."

Um dia, ao marcarem encontro para o sarau daquela noite, algum dos freqüentadores mais chegados, Drummond ou Nava, o intitulou *Salão Vivacqua*, e o nome pegou.

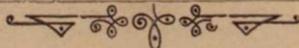
E ficou tão arraigada tal denominação – sem nenhum batismo solene ou cerimonial mais sofisticado – que, tempos mais tarde, este nome aparece no livro *O Ecletismo na arquitetura brasileira* como "Salão Vivacqua – centro de pessoas ligadas às artes e às letras". Foi também evocado nas memórias poéticas de *Esquecer para lembrar: Boitempo III*

Arquivo Eunice Vivacqua



Filomena na sala da casa da rua Gonçalves Dias

BALADILHA



de CARLOS DRUMMOND

Junquei de flores o teu caminho
Por onde havias de chegar,
E enchi minh'alma do carinho
Mais singular. .

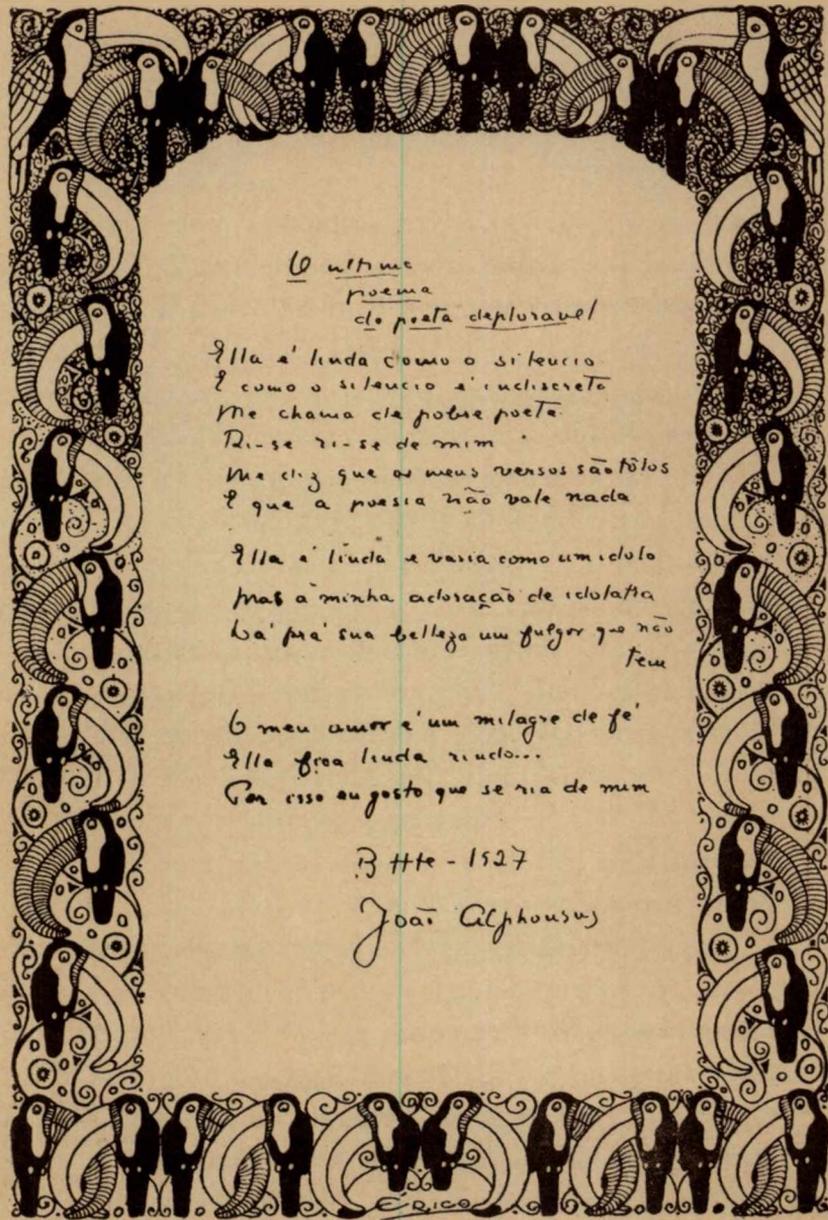
Teci de floculos de arminho
O leito em que ias te deitar,
Elle era o meu e era o teu ninho
Dentro de um lar.

Em taça de ouro, o melhor vinho
Que tua bocca ia provar
— Fui entornando, de mansinho,
Bem devagar. . .

E tu passaste em meu caminho
Sem ver as flores a murchar
Sob teus pés . . sem o carinho
De um teu olhar. . .
Nem viste o leito alvo de arminho,
Feito de petalas de luar
Que era meu ninho e era teu ninho
E nosso altar.

Qual rei de Thule entorno o vinho,
Atiro a taça de ouro ao mar
E bebo, muito de mansinho,
Tua saudade—que adivinho
Neste perfume que anda no ar. . .

BAPTISTA SANTIAGO



O último
poema
do poeta deplorado

Ella é linda como o silêncio
E como o silêncio é insidioso
Me chama de pobre poeta
Ri-se ri-se de mim
Mas diz que os meus versos são tôlos
E que a poesia não vale nada

Ella é linda e varia como um idolo
Mas a minha adoração de idolatria
Lá pra sua beleza um fulgor que não
Teu

O meu amor é um milagre de fé
Ella é boa linda riudo...
Por isso eu gosto que se ria de mim

B Hte - 1927

João Alphonsus

(Drummond, 79) e em *Beira-mar*, de Pedro Nava (78), como testemunho histórico de uma época.

Inserindo-se solidamente no espírito de seu tempo, correspondeu com engenhosidade às demandas desta cidade, como nos continua a relatar Rosa Alice Musa de Brito, filha de Baptista Santiago:

“A família Vivacqua, anfitriã, em seu sobrado próximo à Praça da Liberdade, prazerosamente ampliou seu círculo de amizades, recebendo novos visitantes, intelectuais e artistas, trazidos pelos primeiros, que foram Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos e Baptista Santiago. Esses saraus – com ou sem jantar, vinho ou café (improvisados ou programados) – ficaram gravados por Drummond em seu poema moderno intitulado *Jornal falado no Salão Vivacqua*². Das lindas irmãs de Achilles, uma das mais novas, a Eunice Vivacqua, então apenas uma criança, foi a mais encantada com essas reuniões: registrou em suas memórias e em cartas a Drummond as notícias sobre os visitantes, à medida que os saraus foram ficando mais raros e os moços tomando novos afazeres...

Na capital-menina, forças convergentes de lugares longínquos colaboravam com jovens e estudantes, criando hábitos de convívio e reuniões, onde por certo foi decisivo o papel dos mecenas (lojistas, professores e jornalistas), incentivando a diversificação de clubes e agremiações esportivas (como o América, o Automóvel Clube...).

Na espiral urbana, forças divergentes fariam, um dia, com que os moços fossem impelidos a rumos diversos. As gerações se sucedem e alunos e visitantes passam a ser anfitriões e homenageados da nova era... Quando Santiago hospedou mais tarde o Professor Mello e Souza, vindo do Rio, nos anos 40, a fim de proferir palestra na Escola de Aperfeiçoamento, o ubaense Arduíno Bolívar convidou-o (e a sua filha do meio) a levar seu hóspede a uma reunião em sua casa à avenida Augusto de

² Veja o gentil poema moderno *Baladilha*, com que Baptista Santiago respondeu a Drummond na *Semana Ilustrada* (1927).

Lima, de onde alçaram vô escritores como Hélio Pellegrino, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende. Naquele sarau, o jovem literato João Etienne Filho, em diálogo com meiga artista presente, apresentou um brejeiro *sketch* intitulado *A mulher que calculava...* para homenagear Malba Tahan, pseudônimo do grande escritor das mil e uma noites ... e matemático, que era o professor Mello e Souza..."

O Salão Vivacqua, mais que uma tradição da burguesia esclarecida da época, foi gestado a partir dos elos de literariedade solidária entre meu irmão e os que se consideravam companheiros do mesmo sonho modernista, permeado pelo encanto e vivacidade de meia dúzia de "filhas da casa", alegres e hospitaleiras.

Essas moças, minhas irmãs, como era tradição na família, não se submeteram ao destino imposto às mulheres de sua geração. Como muitas de suas amigas que participavam dos saraus, transcenderam ao mero exercício de prendas do lar ou de "esperar casamento" frequentando as reuniões sociais de sua condição de classe.

Maria, a Mariquinhas, era sensível poeta e também sinceramente festejada e admirada pela delicadeza sutil de suas aquarelas. Edelmira formou-se normalista e Angélica, contemporânea de Drummond, obteve seu diploma na Escola de Farmácia. Filomena escolheu a música, formando-se pianista pelo Conservatório Mineiro. Margarida e Abigail se revelaram nas artes plásticas, tendo a última ilustrado o livro *Chromos*, de Abílio Barreto.

Mas o real elo desta corrente era o meu irmão Achilles.

Aos olhos de seus companheiros de geração modernista foi sempre um sincero e lúcido intérprete de



Mariquinhas Vivacqua

sua paisagem interior; jamais praticou a costumeira dissimulação dos jogos sociais; mesmo em seus versos, não transigia com suas verdades interiores e nem usava de artifícios estilísticos para torná-los mais brilhantes e poderosos. Respeitavam-no sobretudo por seu irredutível compromisso com a autenticidade que tornava contida a palavra literária, da qual se desprendia e na qual se respirava aquele mesmo apelo norteador dos tempos que todos eles queriam construir: o tempo dos homens vivos, presentes, artesãos de uma nova era que fosse sempre cristalina, verdadeira e radicalmente honesta.

Lembro-me dele nos saraus, luz interior de todo aquele brilho que marcou indelevelmente os rumos culturais e políticos de Minas Gerais.



Arquivo Eunice Vivacqua

Casamento de Angélica, 1924. Da esquerda para a direita, em pé: Abigail, Antônio, Margarida, Edelmira, Otília von Sperling, Odette Medeiros Cruz, D. Mariquinhas Medeiros Cruz, (atrás) Maria, Anita Vidal, Jenny e Atílio, (atrás) Olinda e Pedro Vivacqua, Hilda von Sperling, Filomena, Srta. Lindouro Gomes, Evágrio Rodrigues e Sylvia von Sperling. Sentados: Maria Goulart, D. Lydia Bicalho Goulart, D. Etelvina e Antônio Vivacqua, Angélica e o noivo Carlos Bicalho Goulart. Sentados no chão: Adalgisa Gomes, Altair Gomes, Herculino (irmão de criação dos Vivacqua), Eunice, José, Archimedes, Dora e Nelson Amorim Orsini. Lá atrás aparece o Achilles meio de perfil, entre outros amigos.

Ainda o vejo, com seus olhos verdes profundos e penetrantes, o nariz afilado, seus cabelos castanho-claro (e anelados como os meus), seu perfil agressivo destacando-se no meio do burburinho; e escuto o eco de sua voz pausada e firme, na qual se mesclavam notas de sutil ironia. Laivos de humor que se confundiam com desprendidos gestos de solidariedade quando, por exemplo, Pedro Nava confessou seu receio e pena por ter de concluir o curso de medicina: formado, não poderia mais “jogar uns dadinhos”.

Nem mesmo quando o Salão Vivacqua já era apenas saudade, depois de sua gradativa extinção em meados dos anos 20 – talvez pelos sucessivos casamentos das moças, talvez pelos vôos dos rapazes, após a formatura, para outras plagas ou para seus próprios lares, ou porque já se cumprira sua função histórica e já se tornara uma mandala –, o forte elo que uniu aquelas pessoas, na criação literária e na construção da sólida amizade, se quebrou. Ainda sobre o Salão, o que me vem em fragmentos da memória, das conversas em minha casa sobre os costumes dos rapazes seus freqüentadores, é que eles tinham delicadeza de gestos, atitudes de rara dignidade, cuidando em não ferir alguém, respeito ao outro e à sua própria consciência, eram afáveis e tinham a sensibilidade à flor da pele.

Os desatinos daquela rapaziada continham a dose exata da inquietude humana que permeia a busca da identidade num mundo em transformação. Uma “lição de coisas” que, infelizmente, nem todos aprendem.

Nos trilhos da vida despontaram outras estações e embarcavam novos passageiros.

Mesmo quando nos mudamos da rua Gonçalves Dias, 1218, Achilles manteve a tradição dessa conversa interativa, à sombra das mangueiras da rua Sergipe, 343, ou debaixo dos galhos da jabuticabeira da rua Pernambuco, 216, recebendo da mesma forma a segunda geração de escritores e conterrâneos que freqüentavam nossa casa, como Newton e Rubem Braga, sempre convidados a participar da mesa farta do ajantarado dos domingos.

Tão arraigada era nele essa atitude que, ao dar-lhe forma poética em *Serenidade*, percebe-se o sensório fluir espontaneamente, como se essas horas mineiras sempre tivessem existido:

"Os bancos debaixo das árvores são macios.
Há um sabor de fructos maduros
nos lábios molhados das visitas.
O pomar é como uma bandeja de terra roxa
onde brilha o amarello polido dos maracujás
entre a folhagem lustrosa;
e as jaboticabeiras são como taças verdes
espumejando de zumbido de loiras azas de abelhas...
Entre a palestra serena das visitas,
no pomar tranquillo,
à sombra amiga das mangueiras adstringentes
sob a poalha luminosa do sol,
- todas as horas mineiras são boas e simples..."

João Dornas, amigo até o fim, sempre irreverente e intencionalmente transgressor, iluminava essas tardes com suas narrativas sobre os *épatements* da nova burguesia emergente, que ia impondo seus trajetos sem variações ou desvios, porque atrelada à potente



João Dornas Filho
Desenho de Del Pino Júnior

ATHENEU NORTE RIO GRANDENSE



GABINETE
DO
DIRECTOR
NATAL
JG



Redação do LEITE CRIÔLO.

343-Sergipe.

Bello-Horizonte.

Minas-Geraes.

Correspondência enviada à redação da revista *Leite Criôlo*, que funcionava na casa da família Vivacqua

locomotiva que surgia vitoriosa da Revolução de 30. Na sua longa despedida a Achilles, *Morte do poeta*, o companheiro de sempre revive alguns desses inesquecíveis momentos:

“Eu, com Guilhermino Cesar e ele, nos idos dias agitados de 1927, concorri com alguma tolice e muita sinceridade para preparar esse renascimento que se operou no Brasil depois de 1930. Fazíamos, então, um jornal de leitura gratuita e compulsória, porque o burguês o recebia pessoalmente e com certa insolência da nossa parte, jornal chamado Leite Crioulo e que era todo um programa contra a bacharelise e a favor da regeneração do mulato, mal educado por causa do preconceito criado pelo onanismo intelectual dos racistas, filhos naturais de Gobineau com a macaquice nacional...

Fomos, então, ardorosos e ridículos. Mas, certa noite, em zona de pequeno asseio genético, depois de eu traçar com a bíblica inspiração que nós nos arrogávamos um poema chato e piegas em louvor do cangote cheiroso de uma mulher que tinha um dente de ouro e chamava de 'carrinho de linha' ao carretel que fornecia fiadas aos botões da ceroula do Achilles – eu me desavim com o 'garçon' da peixada com arroz porque o bárbaro, interpelado sobre sua condição de proletário da boemia horizontal, respondeu-me com amargura que 'não podia ir bem quem era apenas um mulato...'

Lembro-me que rugii como um possesso. Senti as sarças do Sinai arderem-me no verbo indignado. Veio a polícia depois. E o guarda acabou me dando razão, porque era mulato também e achou que eu era justo e veraz. Nunca mais encontrei daquela genebra holandesa, contida em botelha de barro, e que me deu naquele dia dois centavos de glória e uma ressaca inesquecível...

Outra vez, cometemos os três outra falta maior: escrevemos, à mesa de um 'frege-moscas' ignóbil, um 'poema coletivo', com pretensões a novo capítulo do Gênesis. Perdi a cópia autografada que possuía. Aquiles conservou sempre a dele e sei

que o Guilhermino ainda guarda a sua. Quando chegar o tempo de esclarecer o seu lindo garoto a respeito dos perigos da literatice, Guilhermino deve ler-lhe o infame poema. Será uma vacinação enérgica, mas eficaz e necessária...”

E, ainda hoje, pairam no ar os ecos do *Poema de nós três*, tríade de João Dornas Filho, Guilhermino César e Achilles Vivacqua:

“Debaixo dos telhados mineiros
todos os colchões são macios...

(...)

aguardando a floração vermelha do pecado...”

Partícipes de outras mudanças, profundamente enraizadas na consciência de que é o poder criador – e não o produtivo – que move o mundo, essa geração original que freqüentou os nossos salões e os nossos pomares soube construir aquele diálogo verdadeiro que potencializa os homens para a descoberta sempre renovada da alegria de conviver.

Arquivo Eunir e Vivacqua



João Dornas Filho, Achilles Vivacqua e Romeu de Avelar
Parque Municipal, 1928

UMA PAUSA

(ANDA EM MIM UM SAUDADE INDEFINIDA, VAGA,
UMA SAUDADE FEITA DE OUTRAS SAUDADES
QUE NÃO SEI DE ONDE VÊM,
E QUE VÃO ADORMECENDO DENTRO DE MIM
COMO UM SEGREDO ESQUECIDO
QUE SE ASYLOU NOOUTRA ALMA...)

ACHILLES VIVACQUA

Muito nitidamente me vem à lembrança a visão de meu irmão Achilles, nas suas horas de solidão, fumando o cigarro de palha – seu único vício –, enrolando, em ritual cheio de significados, o fumo de rolo picado e saboreando-o devagar, como um caboclo calado, pensando, recordando talvez...

Ainda ouço seus passos em chinelos de couro trançado em cruz, marcando o ritmo de seu humor nas tábuas largas da sala de jantar. Quando caminhava, balançava os longos braços, seus ombros ligeiramente curvados no tórax mas com a cabeça bem erguida no pescoço longo, espichado para cima. E suas mãos de dedos finos me pareciam tão pesadas pelas veias salientes, como se aquele sangue generoso se represasse para uma doação incondicional a quem dele precisasse.

E João Dornas, em *Morte do poeta*, me acompanha:

"É assim que nessa brumosa manhã eu relembro a curvada e aconchegante figura de Aquiles Vivacqua (...) Prometeu outro volume, *Bambu imperial*, que o ceticismo e a crudelíssima moléstia o impediram de publicar, mas que os irmãos e os amigos deviam reunir em memória de quem foi bom, foi justo e foi, sobretudo, compreensivo e humano, perante o drama do seu corpo em luta com um espírito de radiações inconfundíveis..."

Capixaba de nascimento e mineiro por aclimação – como se definia –, amou até o fim a paz sonolenta das paisagens melancólicas e a quietude dos crepúsculos mineiros.



Arquivo Eunice Vivacqua

Achilles na casa da rua Gonçalves Dias,
brincando com o tatu

Emanava dele aquela aura de suave desencanto advinda talvez de sua dóida renúncia, por risco da doença, aos dois amores sempre correspondidos, o de sua juventude e o de sua maturidade. Não se encontra qualquer registro poético denunciador deste sacrifício: estes versos de amor ele os ritmou, cantou e gravou zelosamente em seu coração. Creio que foi este certo constrangimento em expor sua vulnerabilidade que lhe deixou aquele jeito de quem carregava uma tristeza mansa, leve, que dava a impressão de fazer bem.

Nos últimos dias sofridos de sua vida, tomava água com pétalas murchas de Santa Terezinha, de particular devoção, que sua amada lhe enviava.

Por toda minha infância e até meu casamento – com o hiato de sua temporada em São Paulo, onde concluiu o curso de Direito em 1937 –, lembro-me da tranqüila segurança que emanava de sua ascética figura.

Foi nessa postura de discreta proteção à família, especialmente quando a violenta e inesperada morte do meu pai me privou da cálida sensação de aconchego e ternura que me rodeara, que ele me deu a grande lição de vida. Em todas as suas renúncias à felicidade, Achilles não abriu mão de sonhos e projetos mais amplos e jamais permitiu que a adversidade desse definitivamente as cartas. Ambos somos herdeiros legítimos da minha avó Margarida, a matriarca da família, mulher de excepcional energia e rara determinação, a cuja memória Achilles dedicou o seu livro de poemas *Serenidade*.

Junto com meu avô Giuseppe – proveniente de Casteluccio Superiore, província de Potenza, próximo à região de Basilicata no sul da Itália –, que chegou ao Brasil em 1873, ainda no período pré-aboli-

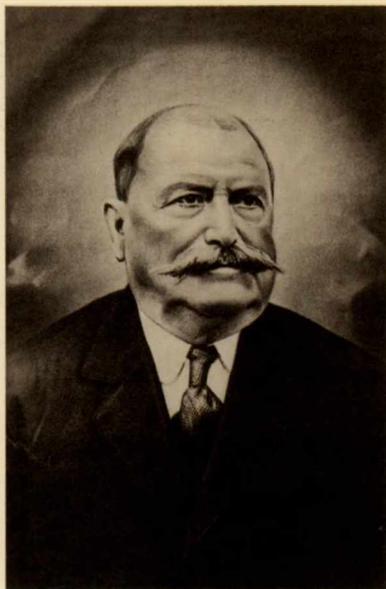
cionista, por iniciativa própria, em consequência de perseguições políticas de sua terra natal, "fincou raízes no arraial do Espírito Santo do Rio Pardo, hoje Muniz Freire."¹

Com inabalável fé, foi ela quem plasmou a alma da família, delegando grandeza à condição de imigrantes pobres e mantendo unida uma numerosa família que, no início, dependia do trabalho braçal dos homens da casa nas lavouras de café ou como serralheiros, seleiros e ferreiros.

Meu pai, Antônio Vivacqua, trilhou desde cedo outros caminhos e conduzia um pequeno armazém de secos e molhados que, como era costume àquela época, também vendia "de um tudo", desde calçados e roupas até as chamadas quinquilharias que enfeitavam a ingênua vaidade daqueles tempos.

Como verdadeira *condottiere*, minha avó angariou junto aos colonos da terra grande respeito e amorosa gratidão, ao lhes prestar

Arquivo Eunice Vivacqua



Os avós Vivacqua: Margarida di Milione e Giuseppe Vivacqua

¹ Cumpre ressaltar que no quadro da imigração italiana no Espírito Santo, o caso da família Vivacqua constitui-se como singular, bem diferente da imigração em massa, subvencionada pelo governo federal a partir de 1889 e que povoou de milhares de imigrantes italianos as fazendas de café do sul do estado.

Para maiores informações, verificar in LAZZARO, Agostinho e XIBLE, Bella Melotti. *Nella terra del padroni: os italianos em Muniz Freire, 1889-1930*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

apoio espiritual e moral e ao curar-lhe os males com suas memoráveis ervas e raízes.

Achilles é ainda para mim essa alma gêmea. Cedo intuí que o incomum tom sarcástico era destinado aos presunçosos; aprendi a sua franqueza ríspida para tudo que não refletisse retidão de caráter. E partilhei, com seus amigos, de sua sensível consciência frente à sofrida realidade brasileira, que o levava até à dor física quando deparava com a miséria humana e a exclusão social.

Em poema inédito, *Canção do proletário dos morros*, que Rubem Braga considerava – ao lado de *O carro do rei* – como um dos registros mais belos de imagem poética, meu irmão sintetiza, em versos, em som e ritmo sincopados, a perversa realidade dos que não têm escolha nem voz. João Dornas assim o resgata:

"E remexendo velhos papéis, encontrei, com a sua letra miúda e bem lançada, o último presente que ele me deu: um belíssimo poema, talvez o seu último poema porque não tem data e há anos Aquiles só fazia ler e criar canários de escandalosa alegria. O poema:

Canção do Proletário dos Morros

A chuva caiu sobre a cidade

A chuva que caiu sobre a cidade

também caiu pelos morros proletários

A chuva que caiu sobre a cidade

rolou dos canteiros floridos das casas bonitas

pelas ruas asfaltadas; por entre árvores altas

e as flores desfeitas.

A chuva que caiu sobre os morros

também caiu pela cidade.

A chuva que caiu sobre os morros

rolou por entre casas de proletários,

desceu correndo pelos barrancos

e trouxe para suas casas bonitas e árvores altas

o barro vermelho

Como sangue de uma veia partida...

E, então, das ruas úmidas

subiu para os morros altos,

o calor do corpo agonizante de um pássaro..."



O quintal da casa da rua Gonçalves Dias

Vivia cercado de inusitados afetos que ele mesmo conquistara e cultivara e com os quais se relacionava com um código todo próprio.

Levantava-se cedinho para dar uma volta no pomar, sentar-se debaixo das mangueiras, ver o dia amanhecer e renovar o oxigênio de seus pulmões rendados. E já o galo manco, pé queimado no cisco do quintal onde a fiel Tiana pusera fogo, vinha capengando comer suas migalhas.

Mesmo antes de seu mingau de fubá de moinho d'água, com queijo mineiro sorando, derretendo na quentura, tratava do periquito que vinha encontrá-lo no último degrau da escada.

Seu cão Titiu, vira-lata mestiço de *fox-terrier*, o seguia por toda parte. Pontualmente, à hora das refeições deitava-se debaixo da mesa, esperando-o no lugar de sempre – aquele doloroso lugar que Achilles, preocupado em nos preservar de um possível contágio, marcava na toalha de mesa com um alfinetão de mola para que nenhum de nós comesse sobre a parte por ele já usada; dormia na porta do seu quarto e lá permaneceu desde a saída do enterro, recusando a cuia de alimento e morrendo de silenciosa tristeza assim que voltamos da missa de Sétimo Dia.



Achilles, Gunga e Titiu

Já Gunga, um feroz *boxeur* alemão, guardava o nosso sossego e satisfazia a sua vaidade, invejando muita gente quando o exibia, seguro por grossas correntes polidas e brilhantes, no tradicional passeio dos cães de raça do quarteirão.

Quando os grandes quintais desapareceram das residências em que morávamos, andava por entre os variados canteiros de couve gigante, violetas, lindas margaridas, almeirão e alface, limoeiros, mamão rente ao velho muro, tomates em estaleiros de bambu, cultivados com amor. E

tudo, na mesma harmonia, nascia, florescia, dava frutos e flores naquela minúscula faixa de terra. Espaço que, mesmo tão reduzido, ainda acolheu um tatu desgarrado que pontuava de pequenas crateras o redor dos canteiros.

No agora pequeno galinheiro, conviviam galinha carijó e d'angola, galo índio e patos que se refrescavam na grande bacia de folha de zinco. Na garagem, Achilles criava canários franceses frisados, premiados, que o saudavam com ruidoso e maravilhoso "bom-dia" à sua visita matinal. Essa foi uma das suas últimas grandes alegrias.

Mas sua ternura franciscana era para com o sabiá-laranjeira, caído do ninho, criado a conta-gotas, que se banhava na torneira do jardim e dançava o "tico-tico no fubá" quando o banqueteavam com minhocas. Nunca me esqueci do seu cantar, empoleirado no espaldar alto da cadeira de palhinha na qual trabalhava o poeta, reproduzindo em música a melodia lírica dos versos que Achilles ia escrevendo.

Meu irmão gostava particularmente do perfume da malva e da tonalidade de seu verde sempre viçoso na janela de seu quarto; quando as folhas amareleciam, recolhia-as e, com elas, marcava as páginas do livro que lia no momento.

Na antevéspera de sua morte, conversamos muito, bem mais que o costumeiro. Antes de eu me despedir, tirou da maleta e me

entregou uma lapiseira colonial, alegando que eu gostava de coisas velhas... Já de partida, chamou-me pelo corredor comprido que dava para sua janela e me deu a sua lata de malva, "para tirar uma muda". Sabia que eu vivia desejando aquela sua malva...

Lembro-me de que recusei com um calafrio. Era o mesmo que Aladim desapegando-se de sua lâmpada maravilhosa; mas ele estava alegre e sua insistência tinha um quê de uma ordem.

Foi a última vez que o vi vivo; mas, dois dias depois, ele veio dar-me o seu adeus, como o fizeram meu pai, meu padrinho e minha irmã Dora. Naquela fria madrugada de 2 de dezembro de 1942, acordei em sobressalto. Um forte vento invadia o meu quarto. Ao canto, o lençol, bem estirado, imóvel, no chão. Cheguei até a janela aberta. Folhas secas rodopiavam na rua, calçada de paralelepípedos. Saí de casa correndo, sozinha, ladeira abaixo pela rua Rio Grande do Norte até a avenida Afonso Pena, 1967, perto da praça Tiradentes. Quando lá cheguei, Achilles acabara de penetrar no infinito imponderável, deixando atrás de si uma espiral de sofrimento.

"Sentiu que a velha alma se lhe renovava
e cantou.

Cantou uma canção indefinida
que lhe foi aos poucos enchendo o coração
como uma alma pura que enche um corpo"

Rebelando-se contra o desfecho destes seus versos em *Peregrino do sonho*, aquele que sempre "semeava Esperança" foi atrás de sua estrela desaparecida para, finalmente, "tocá-la com a leve carícia de seus lábios...".

Foi uma perda tão intensa que só o lastro de sua vida e a afeição de seus amigos poderiam consolar.

João Dornas, sem consolo, tentou o dolorido adeus:

"Numa destas frias tardes de dezembro, Aquiles Vivacqua, que foi sempre um enternecido namorado das radiosas manhãs e

dos grandes sóes do verão, foi levado pelos amigos para o descanso definitivo da sepultura. Viveu integralmente o poeta a vida que o seu espírito requeria: entre os livros e os pássaros, pássaro que fora pela alegria simples e pela bondade desprezenciosa...

Vindo do Espírito Santo para Belo Horizonte, há vinte e cinco anos, esse capichaba se fez o mineiro mais intransigente pelos hábitos e os costumes, a ponto de nesse quarto de século não ter saído de Minas, senão umas três vezes. Aliás, não seria frase vasia de sentido sociológico afirmar que o capichaba é o mineiro do litoral.

Inteligência voltada para todos os aspectos nobres da vida, Aquiles Vivacqua sempre viveu dentro do grande mundo moral que pôde e soube criar para si mesmo. Lendo, escrevendo, meditando, lutando ao lado dos corifeus da renovação estética do país, como Álvaro Moreyra, ele foi, a partir de 1921 até que se isolou inteiramente dos homens – mas não do mundo do espírito que era o seu mundo – para morrer na fria madrugada de 2 de dezembro como morreram sempre os pássaros do seu enlevo – plácida e silenciosamente, atitude tanto do seu feito de espectador desencantado das coisas...”

Foto Juninho Matta



Minha última oferenda a ti, escultura de Jeanne Milde para o jazigo de Achilles Vivacqua

Está enterrado no Cemitério do Bonfim, em um túmulo de mármore acinzentado. Uma longa cruz que começa na cabeceira acompanha o corpo, crescendo, curvando-se quando encontra novamente a terra e pára numa plaqueta em bronze com uma derradeira mensagem:

“A morte é sempre uma coisa boa.

- Recorda-se

Um mal nunca se esquece”

Sobre o túmulo, gravado em um livro de bronze, aberto – trabalho da consagrada artista Jeanne Louise Milde –, o poema *Minha última oferenda a ti*, como era o seu desejo.

“Colhe, na palma branca,
da tua mão, enquanto é
tempo, estas lágrimas que
brotam no canto dos meus
olhos. Receio que elas se
derramem pela minha face
e se percam, para sempre, na
poeira, antes que tú consigas
ver a tua imagem debruçada
sobre o brilho polido delas...
a tua imagem que é a forma
da minha vida... Colhe-as
na palma quente da tua
mão, sem demora ó Mãe.
como a minha última
oferenda a ti...”

Achilles Vivacqua



"Lembrança do dia 4 de maio de 1919"
Aniversário de Lúcia Machado de Almeida no Parque Municipal

AS FIANDEIRAS DA MEMÓRIA

BELLO HORIZONTE LEMBRA OS LINDOS JARDINS DE
BRANCA ESPUMA, DAS HISTÓRIAS DORMENTES DE FADAS,
QUE AS AMAS PÔEM, CHEIAS DE BELLEZAS MANSAS,
NA IMAGINAÇÃO DAS CRIANÇAS, E A GENTE VAE REVENDO,
TRISTEMENTE, DO FUNDO DOS OLHOS...

ACHILLES VIVACQUA

No tempo do Salão Vivacqua, eu tinha seis anos de idade e era a décima terceira do clã dos Vivacqua.

Era uma menina magrela, de cabelos louros-veneziano, cacheados, desconfiada, arisca e absolutamente seduzida pelo que eu pressentia ser a página meteórica da literatura que despontava nos saraus do casarão da rua Gonçalves Dias, 1218.

No retorno à infância – a única pátria de todos, como diz Rilke –, embarco no trem-das-lembanças. Os retalhos de minha memória, costurados tão fundo, “adentro”, se descosturam e desembarcam com sua carga evocativa de mineira atmosfera na estação do “afora”.

Nossa rua era tranqüila, familiar mas muito movimentada. Já de manhãzinha, vinha o padeiro com sua carroça puxada a burro, carroça chiadeira, cheirosa, repleta de pães torrinhos; vinha o leiteiro de burrico ensinado, sacolejando os latões de leite; vinha o jornaleiro todo lépido, lançando e acertando o jornal direto na varanda; e, logo depois, o italiano verdureiro, com balaios repolhudos.

O sino da Boa Viagem marcando o tempo, e mamãe saindo com uma pontualidade britânica para as trezentas e sessenta e cinco missas do ano, fizesse chuva ou sol.

E, no desfiar das horas, o amolador de facas – um português de faces coradas e grandes bigodes pontudos – girava a pedra vertiginosamente, faiscando o aço.

A matraca cadenciada do cascorão torrãozinho, o algodão-doce branquinho dependurado nas varas, tudo passava por nossa porta.

Não faltavam os tipos populares que trazem aquela nota dissonante, ora pitoresca, ora dramática, de um distante mundo “lá de fora”. Eu os aceitava como parte de meu protegido cotidiano familiar, sem maiores questionamentos. Talvez porque fossem pessoas das quais ouvia e imaginava estórias e não, como atualmente, tristes representações estatísticas de uma sociedade injusta, de miséria social.

Muquirana vagava, imundo, pelas ruas. Odiava quando a garotada lhe perguntava: “Cadê o relógio?”. Soltava palavrões medonhos com a provocação, e a gente tinha que tapar os ouvidos; mas ficava calmo, até cordial, quando chamado pelo próprio nome, Messias. Contavam que fora ourives e relojoeiro em Sabará, mas o acusaram de roubar um relógio do freguês e, como não pôde restituí-lo, foi preso. De tanto apanhar na delegacia para confessar o suposto furto, ficou maluco. O Jaburu não tinha história, era um tipo terrível e me ame-drontava com seu vocabulário de baixo calão. Já o Manoel das Moças, risonho, tranqüilo, adorava moças vistosas e as cumprimentava cheio de mesuras, galanteios e elogios às suas bonitezas. Todos gostavam

Arquivo Eunice Vasconcelos



Cléa e Dora no estúdio do Bonfoli



Abigail, 10 anos; Antônio, 9 anos; Archimedes, 8 anos; José, 7 anos; Eunice, 6 anos; Dora, 4 anos; Cléa, 7 meses

dele. Quanto ao Chico Bispo, andava do amanhecer ao anoitecer batendo um ferro numa enxada sem cabo, de onde saíam sons estridentes e metálicos. Despertava a cidade ao alvorecer, fazendo dueto com o canto dos galos. Morreu no matagal numa noite fria, queimado pelo foguinho que fizera para se aquecer.

Lembro-me ainda hoje do homem do periquitinho verde e da adivinhação do futuro. As moças e agregadas da casa, sonhadoras, escorregavam pelas escadas abaixo em busca do papelzinho da sorte. Faziam sempre um grande alvoroço.

E como se brincava naqueles tempos!

Os jogos gráficos eram riscados no chão com caco de pedra. O caracol, um círculo em espiral, pulava-se com um pé só, de quadro em quadro, até se chegar ao céu. Aí se podia descansar com os dois pés. Quem não errasse, isto é, não pisasse nas linhas, fazia *coroa*. Eu logo descobri que o subterfúgio para ter sucesso no caracol era tentar ir num fôlego só, mas sem afobamento, para não correr o risco de me cansar no meio e ter de ficar saltitando muitas vezes em cada casa.

A amarelinha, toda quadriculada em comportados retângulos, também exigia destreza e treinos solitários, escondida das outras, para jogar as pedrinhas ou a casca de banana bem dobradinha nas casas corretas. E para sair do inferno chegando ao céu, eu inventava uma melodia interior enquanto pulava a minha vez, toda compenetrada. Cada uma das meninas se exibia mais que a outra, havia brigas e maracutaias. Mas como a gente se divertia!

Pulávamos a corda de todo o jeito, sapateando com um pé só, ou na cadência ritmada de uma melopéia: um, dois, três: o gato é xadrez? Sal, vinagre, azeite, limão (devagar) e... pimenta malagueta (acelerava-se a batida da corda mais e mais).

Brincávamos de chicotinho queimado e peia quente. Escondíamos o objeto e gritávamos para o que tinha de encontrá-lo: está frio, está quente, está gelado, está pelando!...

O jogo da cabra-cega, cheio de suspense, era brincadeira frequente que sempre nos empolgava.

Também adorávamos os jogos de competição. Em *coelho-sai*, alguém começava dizendo:

Coelho passa.

Não passa (respondem todos).

E se passar?

Tem cachorro p'ra pegar e dinheiro p'ra pagar.

O coelho avança em disparada na direção das crianças de braços dados. Quando consegue romper o cerco, todos tentam pegá-lo. Mas se não consegue e fica preso dentro da roda, trava-se um diálogo entre o coelho e os cachorros:

Coelho quer sujar?

Suje aí (berram todos)

Coelho quer mijar?

Mije aí

Coelho quer fazer renda?

Pode fazer.

Coelho quer catar piolho?

Pode catar...

No *boca-de-forno*, alegre e ruidoso, lutava-se para ser o primeiro a bater no poste, no muro ou na árvore. Esforçava-se para não chegar por último e levar o bolo – uma pancada forte na mão. E gritávamos, a plenos pulmões:

Boca de forno!

Forno!

Tirando bolo!

Bolo!

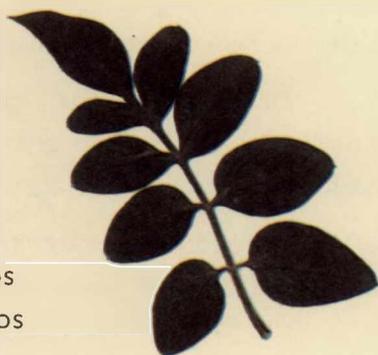
Onde seu mestre mandar?

Vou!

Remadinha, remadinha!

Quem for naquele poste,
bater e chegar por último,
ganha um bolo.

E aí, nós, crianças de todos os tempos, árbitros e carrascos, castigávamos



com vontade ou com suspeita complacência o companheiro que não conseguira chegar em tempo.

Os garotos rodavam pião ou rolavam arco rua abaixo. Pulavam pneu, jogavam gude com bolinhas de vidro colorido ou com sementes pretas, brilhantes e redondinhas, dos frutos do saboeiro que, inesperadamente, viravam munição para as guerras.

E o indispensável futebol, monopólio masculino que nunca despertou qualquer inveja nas meninas. Naqueles tempos, a gente estava distante das competições entre sexos e cada qual brincava do que mais lhe agradava, sem se preocupar se o jogo alheio era mais interessante ou se era tabu social.

À noitinha, depois do banho, a criançada da vizinhança se juntava para brincar de roda. Uma delícia cantar *O cravo brigou com a rosa, Eu sou pobre, pobre, pobre, Viuvinha, Olhe a rolinha, Ciranda, cirandinha, Lagarta pintada, Pai Francisco, A barca virou, Dona Chica, Oh lelê, Caranguejo, Na ponte da Aliança, A margarida, Vestidinho branco, Seu treneulê, anda, roda, Bom dia, meu sinhozinho, Tororó, Na mão direita tem uma roseira, e tantas outras...*

A moda da Garranchinha sempre nos empolgava:

A moda da Garranchinha

É moda particular;

Quem põe o joelho em terra

Não pode se levantar.

Todas se ajoelhavam e se levantavam, nunca antes da escolhida já estar de pé.

A roda continuava cantando:

Fulana levanta a saia ,

Fulana levanta o braço

Fulana tem dó de mim

Fulana me dá um abraço.

A gente dava um abraço na criança que desejava favorecer e esta passava então a ser a menina do meio da roda, na vez seguinte.

Na cadência da música, éramos todas iguais e não me recorda que alguma de nós tenha ficado emburrada porque não fora escolhida: o sentimento de rejeição ainda não habitava em nós, ainda não se aninhara em nossos corações, mesmo que as nossas vozes infantis entoassem juntas uma canção tão similar ao jogo da vida.

Muitas outras cantigas ficaram gravadas em minha lembrança de forma indelével. No carrossel da memória, alguns versos continuam girando, girando:

Eu fui no Tororó
Beber água e não achei
Achei bela menina
que no Tororó deixei...

Bota aqui, bota aqui
O teu pezinho
Bota aqui, bota aqui
Bem junto ao meu.
No virar, no virar
Do teu pezinho
Um abraço e um beijinho
Dou-te eu.

Olha a rolinha, doce, doce
Ela voou, doce, doce
Caiu no laço, doce, doce
Embaraçou-se, doce, doce.

Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia-volta
Volta e meia vamos dar.
O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou.

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada

O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada.
Palma, palma, palma
Pé, pé, pé
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é.
O cravo ficou doente,
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar...

Também *Pai Francisco* fazia sucesso entre nós.

E cantávamos pelo prazer de cantar, inconscientes da crueldade da letra e de sua função catártica de exorcizar o nosso horror aos aleijões:

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão
Ta-ram-ram-tão-tão
Vem de lá seu delegado
E Pai Francisco foi p'ra prisão.

Aí, a criança escolhida para representar *Pai Francisco* vem andando, desconjuntada, enquanto a roda continuava cantando:

Como ele vem
Todo requebrado
Parece um boneco
Desengonçado.



Então, Pai Francisco entra na roda e escolhe outra criança para ficar no lugar dele e, por sua vez, ser o alvo do contraditório sentimento de repulsa e piedade.

Terezinha de Jesus, no entanto, era a predileta de todos:

Terezinha de Jesus

De uma queda foi ao chão.

Acudiram três cavalheiros

Todos três chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,

O segundo seu irmão,

O terceiro foi aquele que Tereza deu a mão.

Talvez o eco dessa cantiga infantil tenha inspirado o poema *Sentimental*, de Achilles, meu irmão:

“Sobre o gramado verde da velha praça
em que jaz o jardim socegado do arrabalde
entre a ramagem fina das palmas
onde o luar abre, suavemente, tapeçarias raras
- há vozes subtis, velludadas vozes
ecoando num rythmo diluído de lágrimas sonoras
acudiram três cavalheiros
todos três, chapéu na mão...

(...)

sobre o gramado verde,

- anda uma roda de garotos cantando

o terceiro foi aquelle

a quem Thereza deu a mão...

longe, no jardim socegado, entre palmas...”

Quando cansávamos de brincar de roda, jogávamos o passanel e nem sei expressar a profunda alegria de sentir que eu fora a escolhida para guardar, bem escondidinho, nas palmas das mãos muitos juntas, o cobiçado anel. E até fazer uma cara meio sonsa de quem não esconde qualquer segredo para que a menina designada para descobrir “com quem está o anel?” não o arrebatasse depressa demais.

Ou, então, púnhamos alguém na berlinda. "Por que fulana está na berlinda?", perguntava-se. Aí aproveitávamos para a desforra: "Porque é muito feia, tem olho remelento, tem unha suja de gato, é 'manteiga derretida!'"

Adorávamos também o jogo divino dos *Escravos de Jó*. As pedras roliças, lavadinhas, iam e vinham em cadência, enquanto cantávamos:

Os escravos de Jó	
Jogavam caxangá	bis
Bota, tira	
Do zabelê-ê-já	bis
Guerreiros com guerreiros	
Zigue, zigue, zigue-zá	bis

Naquele tempo, as adivinhas faziam parte do cotidiano e muito nos divertiam:

O que é o que é, que vive batendo no céu?
A língua.

O que é o que é, que é inteiro e tem nome de pedaço?
Meia.

O que é o que é, quanto mais cresce, menos se vê?
Escuridão.

O que é o que é, quanto mais se tira mais aumenta?
Terra de buraco.

Nasci n'água, n'água me criei
Se n'água me botarem
N'água morrerei.
Sal.

Adivinha, adivinha, meu bem,
Qual é a ave que penas não tem?
Ave Maria.

Catar os cachos de sementes vermelhas caídos das árvores da rua também nos distraía. Sentadas na beira da calçada, a gente ia debulhando os grãos até encher a roda da saia.

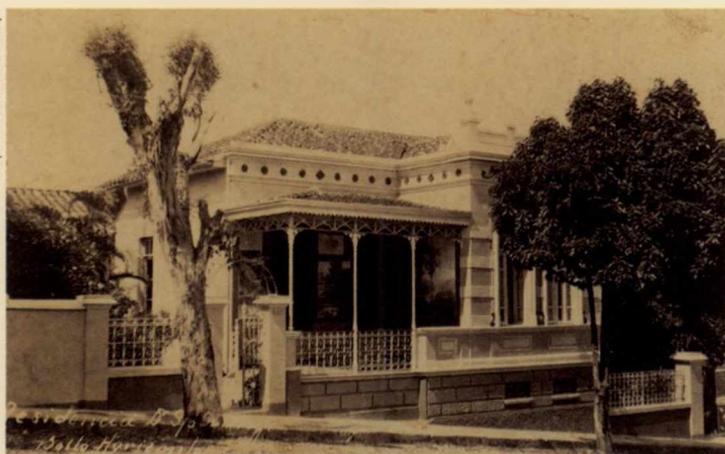
Os barquinhos de papel que fazíamos animavam os dias chuvosos, deslizando nas enxurradas.

À tardinha, a zoeira das cigarras enchia a rua. Bando de rolihas, bem-te-vis e garrinchas nos fios de eletricidade, os garotos não perdoavam. E lá ia pedrada, espantando os bichinhos.

Eu ficava meio de banda, triste, tomando silenciosamente o partido dos passarinhos, mas sem sequer pensar em protestar de viva voz. As espécies aladas que tanto povoavam meu mundo tornavam-se pretexto para brincadeiras que significavam um real risco de extinção ou um ato predatório. Esses gestos eram tão naturalmente aceitos como “coisa de menino” que raramente se ouvia um protesto mais enérgico dos adultos presentes, a não ser que a trajetória das pedras representasse perigo para os transeuntes ou para as vidraças da vizinhança.

Nas noites tépidas, o alpendre perfumadíssimo de jasmims era o lugar tradicional de se prorear, numa inocente tagarelice. As comadres trocavam confidências, descansadas em largas e confortáveis cadeiras. O acende-apaga dos vagalumes muito agitava aquelas tertúlias.

Arquivo Luzia Michado Gontijo



Casa dos vizinhos von Sperling na rua Gonçalves Dias

Minha lembrança mais viva, de maior emoção, mais presente na memória, é a do jardim...

Um jasmineiro de flores alvas e perfumadas, junto ao portão de ferro, se agarrava aos gradis da escadaria e subia até o alpendre, seu aroma penetrando pela casa adentro. Os canteiros eram cimentados, redondos, em forma de meia-lua, ou imitando corações, com cercaduras de violetas e capinzinho em lâminas finíssimas.

Neles floresciam margaridas graúdas, dalias, rosas, copos-de-leite, lírios, esporinhas, cravinas, cravos-de-defunto amarelos, tinhorões, alfavacas e fedegosos. Bambuzinhos com a ramagem em filigrana, avencas e samambaias cresciam junto ao muro úmido. E, sobrevoando todo este florir, beija-flores, borboletas coloridas, besouros, gafanhotos e esperanças. As formigas lava-pés traçavam seu cordão negro, abrindo caminho entre uma beleza e outra. No ar, a fragância dos manacás-roxos e das magnólias...

O jardim era muito bem cuidado por Salvador, jardineiro do Palácio da Liberdade que, nas horas vagas, trabalhava na vizinhança.

Arquivo Luiza Machado Gontijo



As meninas von Sperling: Otilia, Hilda, Aracy e Sylvia com o primo Randolpho Bhering

Salvador (nunca soube se português ou italiano) era corpulento, corado e alegre.

Todas as manhãs, o sabiá-laranjeira, amansado por Achilles, banhava-se na torneira de cano alto do jardim. Até hoje posso ver meu irmão ali agachado, de pijama listrado, mãos finas, de grossas veias salientes, fazendo chuveiro da água para o pássaro saltitante. Depois, a gente ia futucar a terra, atrás de minhocas que o sabiá alegremente bicava. Elas se contorciam em curvas e espirais, e eu tinha aflição.

O muro que dava para a casa do Dr. Sperling estava com um pedaço caído e nunca foi levantado. Mas a gente tinha de respeitar assim mesmo, contendo a tentação de roubar os frutos de sua bem cuidada parreira.

A turma miúda – eu, Dora e Cléa – sentávamos do lado de cá, em cima do barranco, com as pernas balançando do lado de lá, esperando que Dr. Sperling, homem altivo e sereno, aparecesse no quintal e nos oferecesse um cacho de uva, ritual delicioso e pacientemente esperado.

Também nos beneficiávamos dos saborosos e roxos jalões que pendiam para o nosso lado e que podiam ser chupados livremente. Mas confesso que as uvas eram mais saborosas talvez porque vinham como dádivas das mãos de uma figura legendária como que saía das páginas de um livro histórico.



O espaço destinado às crianças, no entanto, era o quintal, o pomar. Este dava para a rua Sergipe, do lado da área de serviço. Lá, podia-se encontrar qualquer tipo de fruta: mangueiras de copas repolhudas verde-musgo, cheirando a terebentina; jalão, jamelão ou jambolão – tudo uma fruta só. Pitanga vermelha, gorduchinha de suco, eu adorava; maracujá trepado no muro; romã de leve camada rósea, vestindo grandes sementes; abiu dourado, suculento, escorrendo pelo canto da boca; jabuticabas, bolas pretas e brilhantes; amoras, tingindo de roxo-paixão mãos e roupas.

No mais, era um esvoaçar de asas, pardal, bico-de-lebre e tico-tico.

A mangueira tinha um balanço de corda nos galhos fortes e nodosos, onde nós – eu, Dora e Cléa – nos embalávamos cantarolando. Nos galhos bifurcados, os meninos José e Archimedes fizeram uma casinha de madeira para brincar de Tarzan.

Junto ao muro, enfeitado com guirlandas do chuchuzeiro, vicejava a horta: couve gigante tronchuda espigando nos canteiros, tendo aos seus pés um tapete de salsa, cebolinha, hortelã; almeirão, alface, tomates em estaleiros de bambu, abóbora, espinafre, rabanete e um solitário limoeiro arrematando o quadro.

As coisas submersas afloram em lampejos como instantâneo fotográfico, colorido, com seus odores de esterco molhado e ninhos de galinhas poedeiras. Pintinhos ciscando, galo-índio esguio, de penas lustrosas e avermelhadas. Caracóis fazendo festa na terra úmida.

A caixa de gordura de nossa cozinha, farta e suculenta, ficava no pátio cimentado. Um dia, apanhada de surpresa por meu pai, na gostosa e costumeira brincadeira de enfiar a mão dentro dela e retirá-la preta e brilhante de gordura, um espelho negro no qual eu vaidosamente me olhava, levei dele a minha primeira e única palmada.

O pátio foi também palco de um cotidiano mágico, cheio de fantasia. Os cozinhadinhos no fogão de tijolos, com trempe de lata, faziam nossa alegria. Mantínhamos o fogo aceso com cavaco e sabugo de milho.

Sá Inácia, a preta velha, fazia famílias inteiras de pano, com cara, braços, pernas e cabelos de meias velhas desfiadas nas cores branca e preta; vestidos coloridos de cetim, veludo e filó, sobras de rendas e fitas das moças da casa, para as bonecas; calças dos retalhos de uniformes de meus irmãos e das saias escuras de mamãe, para os bonecos. A casinha de boneca, construída de caixas de sapatos, abrigava pai, mãe e filhos, branquelos e pretinhos, numa pacífica convivência. Ao lado, nossa lojinha de bugigangas: carretéis vazios, caixinhas de fósforos, botões, fivelas, flores de seda, veludo e pelica, antes usadas na cintura e nos decotes das moças da casa; garrafas de Chianti para os refrescos, servidos em xicrinhas dos aparelhos de boneca; latinhas, embalagens de perfumaria... Tudo vendido a tostão ou a papelzinho picado, que valia como dinheiro...

No mês de maio, fazíamos sorteio para escolher quem seria a Virgem Maria, quem iria coroar e pôr a palma primeiro. Depois, nós rezávamos. Só mesmo assim, de brincadeira, coroei Nossa Senhora, pois na igreja de verdade apenas pus a palma e joguei pétalas de rosa. Mas Dora e Cléa, vestidas de anjo rosa e azul-celeste, enfeitadas de galões dourados e arminho, de asas de penas e aro de estrela prateada na cabeça, elas, sim, subiram ao altar para coroar a Virgem.



Arquivo Eunice Vinacqua

Tiana com suas ajudantes



Isabel



Arquivo Eunice Viacqua

Aurora

Tempo de ventania era tempo de fazer papagaios de taquara e papel de seda colorida, colados com grude de farinha de trigo. Meus irmãos, José e Archimedes, iam para a varanda da casa lateral da rua Sergipe ou para o descampado atrás da Secretaria da Viação para soltá-los ao vento. Encantamento total. Os dois soltavam as linhas devagarinho, a manivela controlando o vôo. A princípio, os papagaios cabeceavam pra lá e pra cá, à procura de rumo. Depois, as linhas compridas os libertavam lá no alto, em espaço aberto. E a gente soltava as linhas infinitas da imaginação pelo céu crepuscular...

Muitos e muitos anos mais tarde, quando morava em Sabará, essa cena se repetiu com um de meus filhos soltando o papagaio aos domingos, no Morro da Cruz. Confesso que fui tomada pelo mesmo fascínio do espaço. Com o prazer só sentido pelos que já viveram estes mágicos momentos, eu os vi voando, brincando de ciranda em volta da Capelinha do Senhor do Bonfim!

Da bendita mamona, fechando o canto do muro, provinha óleo para alumiar os santos do oratório da casa. Em seu talo, soprávamos bolhas de sabão. Tirávamos música daquele canudinho e declarávamos guerra com seus frutos arrepiados.

Era costume da casa deixar a carne descansar no leite de mamona para ficar mais macia. E também ferver a roupa branca com

folhas de mamona. Assim, varais de alvos lençóis voavam ao vento, atrapalhando nossas corridas pelo quintal. Isabel gritava desesperada ao ver as mãos sujas estampadas na roupa.

A gente se empoleirava na goiabeira, horas a fio, comendo goiaba em parceria com os bichos.

E quanto gato naquele tempo! Aprontavam uma miação medonha na calada da noite. Sobre estes felinos, Delzo Renault, em seu livro *Chão e alma de Minas*, recorda "cômico episódio" protagonizado por meu irmão Antônio, já quando residíamos no sobrado da rua Sergipe, próximo a sua casa. Confirmando a variada gama de contatos que a nossa família construiu, o autor assim relembra seu encontro com a segunda geração:

"Criados no litoral capichaba, eram comunicativos, de convívio alegre, saudável. Sua presença altera a convivência do bairro. Em pouco tempo as relações com a vizinhança se fizeram de maneira espontânea, sem convencionalismo. Nossa aproximação com Zezito, Arquimedes (o Patinho Feio), Antônio foi questão de dias. À distância admirávamos a beleza das irmãs Angélica, Eunice, Dora.

Não custou muito e os três ginasianos participavam da pelada de rua e das molecagens que introduzíamos nos quintais de nossas casas."

"Antônio, o mais idoso dos três, era temperamental, irrequieto e dotado de vocação inventiva. Certo episódio cômico ficou na lembrança. Buscando proteger sua casa da presença de inúmeros gatos que infestavam a vizinhança, emporcalhando os cômodos do porão e miando pungentemente madrugada adentro, Antônio imaginou uma forma de afugentá-los. A intenção era louvável. Certa noite chamou-nos para testemunhar a prova de sua invenção. Os gatos vinham da casa contígua pelo muro, saltavam no terreiro e penetravam no porão. Depois de cobrir a área do quintal com folhas de zinco, estreitamente ligadas, puxou um fio de energia elétrica do quadro distribuidor e ligou-o à extremidade do zinco de modo que a corrente elétrica fosse transmitida a toda área. Qualquer contato externo, com a umidade que introduzira no metal, provocava a reação através de choques e faíscas.

Estava preparada a armadilha, estrategicamente no caminho por onde os bichanos costumavam passar; vindos dos quintais vizinhos. O sono da família estaria doravante resguardado. Naquela noite fui testemunha ocular da desastrosa experiência. Ligado o fio elétrico à área metálica, preparada com perícia e habilidade, ficamos à espreita, na expectativa do salto felino da primeira vítima. Essa não tardou. Gato acinzentado escuro apareceu sobre o muro e, atraído pelo naco de carne, pulou sobre o chão de zinco eletrificado. Foi um pandemônio! Um espetáculo de pirotecnia inesquecível. O animal pulava a metros de altura e as faíscas subiam com estalidos semelhantes ao busca-pé das noites de São João. A cena durou poucos minutos. Todo o sobrado ficou às escuras em consequência do curto-circuito que corroeou toda a instalação. Fugimos para a rua. Assustado com o desfecho do seu invento desastroso, Antônio parou estático ao nosso lado. A partir desse dia, seu impulso criativo foi contido por ordem materna. Cremos que temporariamente. Nunca mais tivemos notícia da figura curiosa e inesquecível de Antônio Vivacqua." in RENAULT, Delzo. *Chão e alma de Minas. Memória sócio-econômica e política de 1920 a 1937*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 89-90.

Na verdade, foi temporário: suas invenções originais – já como professor universitário – ajudaram a solucionar inúmeros problemas do dia-a-dia, tendo sido citadas em revistas de renome, inclusive alemãs, francesas e americanas.

A inventividade de Antônio não conhecia limites ou riscos. Ele fabricava uma bomba caseira para as festas juninas e para a pescaria, que chamávamos de brenda, por causa do breu. Juntava pólvora, areia, carvão e enxofre, embrulhava tudo no papel grosso deixando um pavio de fora, amarrava com barbante e mergulhava no breu quente. Era um arraso. Ouvia-se o estrondo à distância e os estilhaços voavam pelos ares, peixes boiavam no rio... E nunca se conseguiu flagrar o autor.

Fato curioso, esse nosso pomar – quintal, recanto ecológico – era também um lugar de receber as visitas na estação das frutas. As conversas no pomar se desenrolavam enquanto chupávamos jabuticaba ou manga, sem pressa, preguiçosamente. Esse saudável hábito da família, nunca abandonado, representava um outro estilo de compor as crônicas do cotidiano.

A orquestração interna, seu burburinho, vozes e ruídos, sabores e odores determinavam o estilo de vida de nossa família. Tudo isso ficou gravado na memória, como se fora um arquivo sensorial.

Logo na saleta de entrada, os quadros do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, solenemente entronizados pelo padre amigo da família, vestido de batina preta, sobrepeliz rendada e sapatos lustrosos. No dia marcado para o ritual tinha fornada de quitandas, refrescos de frutas, chá e café. O lanche era servido em mesa posta com toalha branca de linho bordada e jarra de louça com flores. Os aparelhos de louça inglesa e os cristais São Luís saíam dos guardados, assim como os talheres de prata saíam do estojo.

A sala de jantar, com quadro de estampa da Santa Ceia, era o reduto dos acontecimentos íntimos, das decisões importantes em volta da mesa, da conversa descontraída após o jantar e do castigo na cadeira, num canto.

Na sala de jantar também se armava o presépio. Bem tradicional, com muita folhagem e bichos. O boi e o burro, despropor-

cionais, dominavam o grupo da Sagrada Família, com seus focinhos projetados para esquentar o Menino Deus. Pastores com flautas, cercados daquela porção de carneirinhos que pastavam no capim de alpiste, plantado com essa finalidade. Vasos de folhagens bem cuidadas compunham o ambiente. Patinhos de celulóide nadavam no lago feito de espelho. O galo empoleirava-se na pedra; galinhas e pintinhos ciscavam junto à gruta. Os Reis Magos e seus camelos vinham pela estrada de areia fininha, peneirada. A estrela de purpurina prateada era pregada no painel pintado por Mariquinhas. No alto da gruta de papel um anjo velava o presépio.

Este cenário natalino é uma das minhas mais caras lembranças. Eu, Dora e Cléa nos debruçávamos sobre ele, esquecidas do tempo que passava e abstraídas da veracidade de todos aqueles protagonistas que o compunham. A mim, só importava traçar as estórias que imaginava para cada um, aguardando o divino momento de “fazer nascer” o Menino Jesus à meia-noite do dia 24 de dezembro.

Esta tradição, cultivo-a até hoje e sinto nos meus netos a mesma febril expectativa, plena de ternura, que nos envolvia há quase sete décadas.

No mês de maio, o Mês de Maria, Nossa Senhora Visitadora, em seu oratório de madeira, forrado de cetim azul, repuxado, formando ninhos e enfeitado de estrelas prateadas, vinha visitar a casa e trazer-nos suas bênçãos celestiais. A vizinhança era convidada para rezar o terço e a reza se encerrava hospitaleiramente, com refrescos e biscoitinhos caseiros... Depois, a procissão seguia para outra casa do quarteirão.

Compassos de devoção que perpetuei por muitos anos, fazendo-os renascer, já casada, nos bairros em que morei. Até hoje minhas filhas se lembram da singela fé, tão profunda, que as unia aos vizinhos e parentes, em fervorosas preces à Virgem de Fátima, mesmo quando, nervosamente, disputavam a honra de carregar o pequeno andor e de depor cuidadosamente a Senhora dos Céus no seu altar iluminado.

No café da manhã, papai tomava um copo de seu vinho tinto

suave predileto – o Chianti Clássico. Com seu envoltório de palha, o Chianti tornou-se o símbolo não oficial do vinho de sua querida Itália. Papai comia pão branco, de quilo, partido com as mãos, queijo parmeson e azeitonas. Eu sempre o acompanhei nessa refeição, até o seu trágico fim. Primeiro, eu tomava vinho com água e açúcar; mais tarde, o líquido puro. Ainda hoje me emociono ao ver essa garrafa empalhada.

Eu costumava correr depois ao quarto de Achilles para ver a refeição matinal dos tico-ticos que iam em revoada à sua janela comer fubá molhado.

Depois, a aflição de esperar a bela Angélica, que vinha desembaraçar meus cabelos anelados, fazer os cachos mais o laçarote de fitas. Que agonia! Naquele tempo, cada irmã mais velha tinha uma tarefa obrigatória em relação às três menores. Maria, Mariquinhas, pintora, cuidava de Dora, que tinha o privilégio de mexer nas suas tintas e pincéis. Cléa, a caçula, era o xodó de todas, que se revezavam em cuidados com ela.

Aprendíamos o catecismo na Igreja da Boa Viagem, levadas por Sá Inácia. No caminho de volta, a gente ia catando piorrinhas que caíam das árvores e formavam um tapete que era uma gostosura. Esmagávamos as piorrinhas com nossos sapatos de verniz preto de pulseirinha, fazendo “crac-crac”. Na esquina, descansávamos debaixo de uma gameleira troncada, com seu estranho filhote: um esguio coqueiro aninhado em suas entranhas. A gente não compreendia aquilo. Essa árvore foi um marco para minha geração. Com sua sombra generosa e enormes raízes saltando da terra, formava assento para o nosso descanso na volta do catecismo. Era ponto de parada obrigatória: para abotoar a pulseirinha do sapato, amarrar o enorme laço de fita à borboleta e ajuntar os frutos caídos que levávamos para o jogo de bolinha de gude dos irmãos. Eram frutos redondos das saponárias, conhecidos popularmente como “sabão de soldado”. Macerados em água, produzem uma espuma muito usada para lavagem das roupas de bonecas.

Ah, a bondosa e querida Sá Inácia, que resolvia todos os nossos problemas com a sua sabedoria popular! Quando a gente se machucava, ela aplicava a seguinte receita: embebia algodão no iodo,

jogava álcool em cima e acendia fogo. Aquela cinza dos ingredientes queimados era colocada no fermento que, milagrosamente, sarava...

Fazia para nós “capitão” de feijão, bolinhos ovais, todos iguazinhos, colocando-os em volta do prato como uma coroa... Sá Inácia estava sempre coçando a perna por causa de uma ferida crônica, enfaixada com tiras de lençóis velhos. Anos depois, minha irmã Edelmira casou-se com o médico sanitarista Sílvio Avidos que, ao examinar nossa querida e doce ama preta, diagnosticou lepra. Com a graça de Deus, no entanto, e do Divino Espírito Santo, nenhuma de nós apresentou o menor sintoma. Ao contrário, sempre tivemos a pele sadia e viçosa que herdamos de mamãe.

Papai ficava para lá e para cá, entre Cachoeiro de Itapemirim, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, dividido entre a assistência à família e a administração dos negócios de café e madeira e das terras que nos pertenciam no Espírito Santo.

Papai assentava-se à cabeceira da mesa, desdobrava o enorme guardanapo de linho branco e prendia uma ponta na gola da camisa. Comportava-se na mais correta educação, mas sem abandonar seus hábitos simples de imigrante camponês. Mamãe, à sua direita, era em todas as ocasiões o próprio manual de etiqueta, com sua postura aristocrática dos Vieira Souza Monteiro, família de proeminentes políticos do Espírito Santo. Filha de Antônio Egídio de Souza Monteiro, mineiro de Santa Bárbara, e de Edelmira Vieira, fluminense, em sua genealogia consta parentesco com o Barão de Cocais, com o Padre Antônio Vieira e com o 1º Arcebispo de Diamantina, D. Joaquim Silvério de Souza.

A despensa da casa permanece na memória degustativa com seus sabores e cheiro agrídoce. Era aberta e constantemente invadida na hora de se arrumar a merenda e de se receberem as visitas. Rosca da rainha, pão recheado com lingüiça, broinhas de fubá-de-canjica, latas de biscoito Aymoré com estampa de índio, flecha atravessada nas narinas, cheias de biscoitinhos caseiros, deliciosos. Garrafas coloridas de diversos licores, que depois iam para as licoreiras de cristal lapidado, para serem servidos às visitas: licor de jabuticaba, abricó, cacau, jenipapo, leite, folha de figo e laranja, café, chocolate e aniz. Entre as guloseimas, doce de mamão enroladinho, compotas de todas as frutas co-

lhidas na estação; e também as geléias: de amora, jabuticaba, marmelo, morango, maçã, damasco pequeno e tomate, cada qual mais saborosa. Em nossa despensa, os cheiros se misturavam. Dependurados, lá estavam o presunto, o salaminho e o chouriço. Azeitonas verdes e pretas, vinhos tintos e queijos não faltavam, pois meu pai não passava sem eles.

Os vinhos chegavam pelo Rio de Janeiro, fonte de importação dos vinhedos de sua bem-amada Itália. Ele examinava com atenção os rótulos do Chianti Clássico, com seus símbolos misteriosos, ou do Chianti Putto, com seu querubim rosa e branco. Se ele aprovava a safra, na sua fisionomia bonachona se desabrochava um largo sorriso. Nós adorávamos essas garrafas com seu envoltório de palha, que muito enfeitavam nossa lojinha do quintal.

Nunca vi a despensa vazia, desfalcada. Creio que era um ponto de honra para aquele imigrante batalhador, homem bom e afável, de suave brandura e desprendida generosidade.

Arquivo Eunice Vivacqua



Etelvina e Antônio Vivacqua, 1923

O gavetão do guarda-roupa de Filó, Filomena, era uma tentação irresistível. Mexer no seu pó-de-arroz Coty, empoar-se toda, ficar branquinha que nem cara de alma penada, mirar-se no grande espelho bisotado e mesmo quando, apanhadas em flagrante, levar então uma palmada daquelas bem dadas ou beliscões, era tudo o que sonhávamos. Brincar de gente grande, calçar sapatos de salto alto e sair se equilibrando representava nosso grande desafio.

À noite, até o sono chegar, fazíamos guerrinha de travesseiros; às vezes, eles se descosturavam, e uma revoada de penas branquinhas fluava no quarto e fugia pela janela. Dormia-se de janela aberta para se respirar ar puro. Os vagalumes entravam pelo quarto e, pestanejando suas luzinhas, dançavam no ar. As noites eram perfumadas de jasmim, magnólia e manacá.

As estórias de Sá Inácia começavam quando ela nos chamava para dormir e, na engabelação, ia trocando nossa roupa pela camisola. Intuitivamente, ama-preta sabia elaborar, em seu linguajar simples, o clima ideal para cada narrativa de seu vasto e variado repertório: duendes, fadas, bichos, fantasmas, figuras bíblicas.

Fazia suspense nas histórias de medo, ajuntando certa dose de mistério, pingando as palavras até o estágio do pavor: o esqueleto sem paz, a mula-sem-cabeça, o lobisomem – tudo no mais perfeito sincronismo. Às vezes, a fala adquiria um tom tenebroso ou melodioso, o gestual dando vivência à tragicidade ou à felicidade. Várias emoções emergiam dessa estranha mistura de real e imaginário, de crença, religião e magia.

Das estórias apavorantes, a mais tétrica era aquela do esqueleto sem sossego, que precisava de reza e por isso ia caindo do teto: “Tac-tac-tac, pode cair?”. Caía, então, uma perna, que ficava em pé no assoalho do quarto, depois a outra, que se perfilava ao lado da primeira, e assim sucessivamente caíam os quadris, as costelas, até o corpo inteiro se formar e ficar gingando... gingando... Aquele repetitivo “tac-tac-tac, pode cair?” ia pouco a pouco tornando nossa angústia maior. Nosso coraçãozinho repetia o “tac-tac” em batidas rápidas, a boca ficava seca, a respiração arfante, e a gente gelava de pavor. Então,

Sá Inácia começava a rezar o Credo. E nós a acompanhávamos. Só aí o esqueleto sem sossego ia repousar em paz, no Cemitério do Bonfim.

Narram que houve época em que se deu em Belo Horizonte a "aparição da moça-fantasma", na Serra, que esperava na rua do Chumbo o carro da madrugada. O caso corria de boca em boca. Imagina só, um fantasma nascido logo ali! Tudo não passava de "invençioneiro dos moços dos jornais para dar um pouco de vibração a esta cidade pacata, em que pouca coisa acontecia". Um desses moços inventadores era Carlos Drummond de Andrade.

O escritor Guilhermino César, em suas lembranças, relata "que a última página do Estado de Minas era sempre dedicada a crimes, não importando de onde viessem, porque o público gostava e isto vendia o jornal. Mas o repórter do último plantão de polícia não trouxe novidade alguma." Então, o pessoal da reportagem inventou a estória de uma moça-fantasma que aparecia na Serra do Curral à noite. No dia seguinte, a redação do jornal foi invadida por pessoas que haviam visto a moça-fantasma. Nos dias subseqüentes, pelos que haviam conversado com ela. O delegado de polícia, ciente do fato, telefonou, furioso, dizendo que o plantão de polícia estava tendo um trabalho danado com aquela brincadeira de mau gosto. Dois meses depois, Carlos Drummond de Andrade escreve a *Canção da moça-fantasma*, em que ele poetiza a aparição de uma moça andando pela Serra do Curral.

A maioria das histórias que a preta Sá Inácia, doce mulher, nos contava tinha calendário litúrgico certo: Natal, Quaresma, Páscoa. O seu repertório maior era reservado à Quaresma, quando, então, apareciam as assombrações, almas penadas, mulas-sem-cabeça, lobisomem, Nosso Senhor coroado de espinhos e Nossa Senhora das Dores com sete espadas cravadas no peito.

Narrava tudo aquilo com uma linguagem de sabor africano meio pagão, com resquícios de um catolicismo de manifestações fetichistas, animista e com requinte medieval. O sustentáculo era sua grande e respeitosa fé, mesclada de sentimentos supersticiosos. Em tempo de penitência e de renovação, a gente ficava obediente e bem comportada.

A história que mais impressionava aquela trinca de crianças, eu, Dora e Cléa, era a *Encomendação das almas* ou a *Procissão da penitência*.

Sá Inácia contava que, nas sextas-feiras da Quaresma, a Irmandade de Nossa Senhora do Carmo saía às ruas. Os irmãos vestidos de longas túnicas brancas, com capuz de três vazados, só deixando aparecer os olhos e a boca. O breu da noite era iluminado pelas lanternas de papel ou de flandres que eles carregavam, caminhando devagar. A procissão desfilava tétrica, uns arrastando correntes de penitência, outros batendo os bordões nas pedras do caminho.

Na frente, ia o portador da Cruz das Almas. Ele caminhava com toda a dignidade, de cabeça erguida, escoltado dos lados por dois encapuzados cabisbaixos, carregando velas.

Depois vinha o homem da matraca sacudindo-a, as batidas secas e monótonas repercutindo pelo caminho.

A encomendação das almas tinha um rito próprio, com solos e coros. Eles entoavam cânticos num coro cavernoso, com lamentações que imitavam soluços, de grande efeito. O cantor de voz mais grave e profunda repetia:

Pe – ca – dor en – du – re – ci – do.

E os penitentes rezavam ladainhas num ritmado sofrido, entoavam rogatórios fúnebres para acabar com o sofrimento do purgatório, que não era perpétuo como o fogo do inferno, mas apenas um lugar de torturas passageiras onde as almas soltavam gemidos suplicando a sua libertação, o perdão, a benevolência divina.

Somente os homens podiam tomar parte na procissão. Todas as residências do trajeto conservavam-se fechadas, pois a crença popular dizia que as mulheres e crianças curiosas que abrissem as janelas para vê-la passar, além de cometerem um pecado grave, morriam de medo ou viravam mula-sem-cabeça. As almas que faziam parte da comitiva não eram de formas visíveis. É que elas vinham no final da procissão, incorporadas num rebanho branquinho de ovelhas, pastoreadas por um frade sem cabeça, que entregava à pessoa curiosa uma vela de cera acesa e voltava para buscá-la na sexta-feira seguinte. Quando a *Encomendação das almas* passava, até os cães ladravam de medo nos

quintais. Tudo, porém, cessava quando o galo da madrugada cantava três vezes.

Se perguntávamos à Sá Inácia como era a mula-sem-cabeça, ela explicava num tom dogmático: a mula-sem-cabeça é uma moça que cometeu um "pecado muito feio" e, como castigo, foi encantada. Virou um animal com patas calçadas de ferro martelando as pedras no caminho; galopa lançando chispas de fogo pelas narinas e pela boca. A cabeça é invisível para nós, que só ouvimos os seus soluços (como soluços de gente) e seu relincho furioso. Ela aparece na Quaresma, assombrando as pessoas que andam "fora da hora" na rua. Para "quebrar-lhe o encanto", é preciso que alguém tenha a coragem de arrancar-lhe o freio que leva na cabeça. Então, a donzela reaparecerá, nua, chorando arrependida.

Sá Inácia explicava também como era o lobisomem: é um homem encantado porque cometeu um pecado muito, muito feio, e por isso se transforma num lobo tão grande como um bezerro, de orelhas enormes. Na Quaresma, na noite de quinta para sexta-feira, ele vagueia pelas estradas procurando tirar o sangue das crianças e bichos novinhos. Voa como uma flecha pelas ruas e vai apagando as luzes das casas. Ele tem obrigação de visitar sete adros de igrejas, sete cemitérios, sete morros e sete encruzilhadas. Para "quebrar-lhe o encanto", basta feri-lo, nem que seja com um alfinete. Mas o melhor mesmo é dar-lhe um tiro com uma bala untada com cera de vela que ardeu em três missas de domingo ou na missa do galo.

No final da narrativa, quase sem fôlego, rezávamos a Ave-Maria e o Pai-Nosso para as almas do purgatório.

A Quaresma era tempo de medo, tristeza, dó de Jesus crucificado e da Senhora das Dores.

Nunca deixamos de orar pelas almas. Quando acabava o catecismo na Igreja da Boa Viagem, tínhamos o costume de colocar, na caixinha das almas, uma esmola... A caixinha, semelhante a um cofre com uma abertura em cima, era branca, com pinturas de pecadores nas chamas do purgatório, tendo os braços levantados em desesperada

súplica a Nossa Senhora do Rosário que, de seu trono, assistia aos anjos resgatando as almas remidas para levá-las ao céu.

Havia, pregado na parede, um impresso com um lista das necessidades dessas almas e uma sacolinha com vários dizeres. Sacudia-se a sacola de veludo, enfiava-se a mão e tirava-se um papelzinho dobrado, com a sorte de cada uma: almas esquecidas dos parentes, almas invejosas, egoístas, tiranas. Mas que, para nós, eram tão comoventemente sofridas e tão dignas de compaixão.

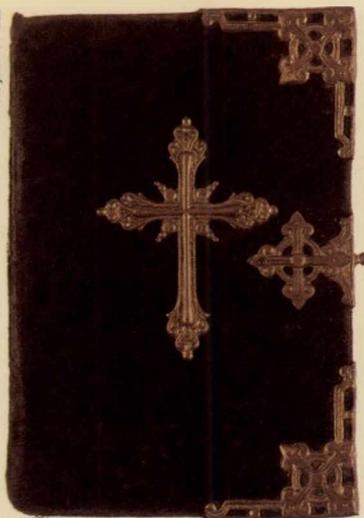
Este antigo hábito cultivo até hoje: a piedosa intervenção dos vivos em benefício dos mortos.

O mais interessante de tudo isso é que nunca ficamos sabendo quais os pecados cometidos pela mula-sem-cabeça e pelo lobi-somem, porque a bondosa e preconceituosa mãe preta jamais nos contou.

Nas histórias bíblicas da Sagrada Família, em sua sabedoria e sagacidade, Sá Inácia tornava a sua voz doce, amorosa e confessional. Ao contar o ciclo da infância de Jesus, quando Nossa Senhora buscava água no poço para banhá-lo, sua voz era pura e cristalina.

Esse pano de fundo ambiental influenciou em minhas preferências devocionais, tornando São José meu santo protetor e também a

Foto Juninho Motta







Maria



Atílio



Edelmira



Archilau

Senhora da Conceição. Nas rezas noturnas, invocávamos o Anjo da Guarda e o Divino Espírito Santo, a pomba branca da paz, para nos ajudar na tabuada e na conjugação dos verbos.

Mamãe ia ao quarto à noite para acompanhar a gente rezando o “Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador” e “Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do Divino Espírito Santo”. Depois nos cobria, mas nenhum beijo nos dava. Hoje me pergunto: seria pudor? Que eu me lembre, só fui embalada no colo de meu pai, com seus dedos carnudos mergulhados em meus cachos, quando eu ficava escutando conversa e cochilava na sala.

A sua brusca saída da vida terrena para entrar na eternidade, em 1932, quando eu apenas adolecia, até hoje me machuca. Durante muito tempo, as lembranças de minhas alegrias de criança que suas carícias acalentavam ficaram em compasso de espera, como tempos partidos, díspares de minha vida adulta. Hoje sei que pude e posso amar profundamente e ser intensamente amada porque eu jamais abdiquei de ser eu mesma, Eunice da família Vivacqua.



O COMPASSO DOS AMORES-PERFEITOS NO VAI-E-DEM DAS CORES

FOLHAS QUE O VENTO LEVA, PELO OUTONO...
FOLHAS VOTIVAS AO SILENCIO DO ABANDONO...
MISERAS FOLHAS AMARELLAS,
QUE FORAM VERDES, TODAS ELLAS,
COR DA ESPERANÇA...

BAPTISTA SANTIAGO

Como descrever a Praça da Liberdade? Um conjunto paisagístico de François Villon, nos moldes dos jardins de Versailles, eu poderia dizer, com seus canteiros, palmeiras, lagos, estátuas de mármore de Carrara, bustos de bronze de personagens notáveis. No coreto, palco de tradição musical, audições da banda de música da Polícia Militar. "Uma banda preta, vermelha retinta", "bate um dobrado batuta na doçura do jardim", como bem versejou o poeta Carlos Drummond de Andrade. Do lado da Secretaria da Educação, rosinhas de Santa Terezinha em buquês, rosas-chá, as sangüíneas e também as alvas, como as hóstias do Sacrário. Ficus frondosos formavam uma cerca viva de copas verdes que juntavam suas ramagens, recanto predileto de canários chapinhas, pardais e rolinhas.

Havia canteiros no espaço entre as alas de palmeiras, cobertos de esporinhas, ervilhas de cheiro e miosótis. No começo da praça, os canteiros plantados de amor-perfeito – tentação de Dora e minha. A gente roubava as flores e enfiava na blusa, enquanto o guarda, de cassetete na mão e apito na boca, se distraía olhando as cabrochas, crioulas que desfilavam na ala direita da praça, reservada para elas. Não era tarefa fácil essa. Antes, era uma aventura. Tínhamos de nos debruçar sobre o retângulo de cercadura de ficus podados que protegiam o canteiro e espichar os bracinhos para alcançar os amores-perfeitos. Não contínhamos o desejo veemente de praticar tais assaltos amorosos. A mais não arriscávamos. Nunca pulamos dentro do lago, por exemplo, embora a tentação fosse grande.

Eu me lembro ainda de suas cores matizadas do roxo-paixão

ao lilás, do amarelo vibrante ao desmaiado, do vermelho vivo ao róseo e à pureza do branco. A maciez de suas pétalas, a fragrância de seu perfume delicado. Penso que o amor-perfeito é a flor que mais toca a sensibilidade dos poetas. Cecília Meireles perfumava os seus poemas com amor-perfeito, essa flor que brota no outono:

“Suas cores são de outrora,
com muito pouca diferença:
o roxo foi-se quase embora,
o amarelo é vaga presença.
E em cada cor que se evapora
vê-se a luz do jardim suspensa.”



Edelmira

Já Carlos Drummond de Andrade assim os captura:

“Quer dizer: flor que se colocava entre as páginas do livro, flor que ia desabrochando com o tempo, mas que dizia sempre da nostalgia do jardim antigo e do amor idem.

O amor-perfeito, absolutamente fora de moda, é, entretanto, das mais belas e merecedoras de louvação.

Os amores-perfeitos não falam só a linguagem dos corações, que é controvertida e feita mais de silêncios que de fonemas e sintagmas. São expressivos em si.

Penseé, pansy, heart's-easy, como quer que lhe chame, há sempre o reconhecimento de certa propriedade sensitiva ou reflexiva no amor-perfeito. Não é (não seria) mera flor de adorno, anódina, meio-bomba: tem atitude, comportamento de gente, entre delicado e nobre.

Muito menos no invisível amor-perfeito que procuro no jardim invisível da cobertura. Mas se o calendário falou, vamos acreditar no calendário, cultivando em pensamento essa flor que abre no outono e tem um nome que antigamente se usava, tanto, tanto... Lembras-te, alma?”

Desde muito pequenas, eu e Dora acompanhávamos as irmãs mais velhas no *footing* da praça:

“Era o *footing* ritmado dos vestidos
Vitrine movente vai e volta”

DELORIZANO MORÃES



Edelmira



1921



"A Edelmira, meu presente de aniversário"
Livro de Delorizano Moraes dedicado a Edelmira. Belo Horizonte, 10 de abril de 1921

Onde Maria, Mariquinhas, flertava com Drummond e os rapazes ardilosos inventavam expedientes para as "dificuldades do namoro". Fala o poeta de *Esquecer para lembrar*:

"Por força da lei mineira
Se te levar ao cinema
levo também tua irmã,
teu irmãozinho, tua mãe."

Um dos expedientes usados para distrair as irmãzinhas era apostar nas luzes dos bondes que volteavam a praça. O prêmio da ganhadora, um pacotinho de balas da Confeitaria Suíssa, deliciosas bonequinhas cor-de-rosa que se chupam eternamente, ou o açúcar-cândi branquinho, que estala nos dentes.

Então, eu e Dora ficávamos assentadas na beirada do primeiro canteiro da alameda das palmeiras, de olhos pregados na esquina da rua da Bahia, pois era por onde subiam os vários bondes que vinham para o bairro dos Funcionários. Nossa aposta era feita para ver quem acertava a cor do próximo bonde a aparecer na esquina. Os bondes da Empresa Carvalho de Brito usavam luzes de cores diferentes conforme o itinerário a ser feito: luz vermelha indicava o trajeto da rua Pernambuco; verde, o da Serra; amarela, o do Quartel; azul, o da rua Ceará; branca, o da Floresta; roxa, o do Bonfim. Lá vinha ele, imponente, pintado de branco/amarelo, em marcha cadenciada, pelos trilhos burocráticos da Praça dos Poderes. O motorneiro fardado, de boné, rodava a manivela e o cobrador dependurava-se no estribo. Quem ganhava corria ao banco dos namorados para receber o prêmio, que era fraternalmente dividido.

Ah! Os bondes da praça! Mal sabia o poeta o que representaria para mim aquele multicolorido jogo de vais-e-vens. A preocupação dele era bem outra; hoje sei, com a certeza dos versos finais do poema que dele escolhi, que ele compartilharia comigo vazio dolorido, da sensação de perda e ausência que a Praça de agora me faz:

"A Praça dos Namorados
É a praça do poder
Saudades de Ouro Preto lacrimejam

DELORIZANO MORAES, director - proprietario

ROMEU DE AVELLAR, redactor-chefe

ACHILLES VIVACQUA, redactor - secretario

Bello Horizonte, 4 - Outubro - 1927

J. E. DE LAS CASAS, redactor - gerente



LIVRE CHRONICA

O footing da Praça da Liberdade não tem mais aquelle tic de airocidade e distincção de ha tres annos passados, quando a nossa Capital ainda não possuia estas ricas construcções, estas encantadoras avenidas e o movimento intensivo de hoje. Dir-se-ia mesmo que elle vae em sensivel decadencia. As nossas lindas patricias vão ali abafadas demais, quando não negligenciam as toilettes. Por que não aristocratisam o footing que é actualmente, no mundo inteiro, um esporte civilisado e de pura elegancia, onde se cultivam com apuro todas as creações suggestivas da moda? Nós, que possuímos tão maravilhosos logradouros publicos e uma população jovial e garrida, precisavamos dar um cunho especial, de bom gosto e distincção aos nossos footings. Que se principie pelas toilettes femininas; e então, insensivelmente, estabelecer-se-d o dominio tambem do elemento masculino, que o eternizará. Em Bello Horizonte, cuja população densa e variada uugmenta assustadoramente dia dia, será de um effello curioso o seleccionismo de um footing elegante. A idea é magnífica.

Experimentemol-a, pois. E que o primeiro domingo seja o inicio dessa interessante innovação.

entre penhascos de cimento
e o desejo (frustrado) de pegar na tua mão.
O guarda viu?
E se o bonde passar, com o pai da moça,
no flagrante do gesto?
O amor sempre iludido,
espera amanhã pegar na tua mão.
Será sempre, na praça poderosa
o não-poder pegar na tua mão.
A mão vazia alisa o banco e tua ausência”



Angélica

A Praça hoje não é a mesma, mas nunca deixou de existir para mim, habitando o meu presente como antigamente. Porque eu a reinvento com todos os meus sentidos. Sua mensagem visual, como um livro ilustrado de flores coloridas, gravou-se em minhas retinas. A atmosfera perfumada das magnólias, rosas, cravos, cravinas e manacás paira no ar. O gostinho azedo da haste tenra do capim brotado depois das chuvas ainda me enche a boca d'água.

A maciez de veludo do amor-perfeito, o desfolhar das rosas púrpura e chá e o contato excitante com a água da fonte impregnaram minha pele.

Os sons retumbantes dos dobrados tocados no coreto continuam a vibrar em meus ouvidos. Posso ainda escutar o ritmo das botinas pretas, desfilando nas paradas cívicas; os gritos de susto com o apito do guarda, no roubo de amor-perfeito; o pio da cambaxirra e das rolinhas nos fios de luz e a zoeira das cigarras nas tardes mornas, preguiçosas e violáceas... Armazeno as múltiplas e longínquas ressonâncias de seus sons. Tudo é poético, lírico, lúdico, jamais se perdendo dentro de mim...

Na Praça da Liberdade de então, a vida pulsava em desejos e segredos democraticamente divididos para todos os tipos de coração. O lago, com o chorão debruçado sobre ele, nos chamava a nos mirarmos em suas águas, nelas mergulhar as mãos ou atirar pedrinhas roliças para fazê-las ricochetear na superfície espelhada das águas ou nos encantarmos com círculos formados sobre elas. O que não sabíamos, naquela época, é que a brincadeira do ricochete era conhecida em todo o mundo e, muitos anos antes de Cristo, fora praticada por crianças gregas e romanas.

Os preparativos de minhas irmãs para o famoso *footing* da Praça da Liberdade marcaram minha infância de alegre expectativa em relação aos domingos. Os vestidos saíam dos armários de grandes espelhos e era difícil escolher um entre tantos e tão lindos: organdi suíço, cambraia com renda ou bordado inglês, farfalhante tafetá ou chamalote, romântica *laise*. Uma caixa repleta de flores de gaze e cetim era despejada em cima da cama para se escolher a flor do vestido: camélia, violeta, miosótis, ou rosa *muguet*.

Enfim, depois de uma última reviravolta em frente ao espelho, minhas irmãs partiam bem catitas, com suas cinturas de vespas marcadas pelas faixas largas. Lá iam elas para "o *footing* ritmado de vestido/vitrine movente vai e volta".

Mais tarde, também eu vivi essas mesmas emoções, o mesmo alumbramento daquelas noites estreladas. Experiências de um tempo que foi desaparecendo pela falta da seiva forte daquela juventude singular dos anos do Modernismo, de sua inquietude e de sua irrequieta alegria.

Em 1929, a revista *Semana Ilustrada* expressa, na sessão "Do flirt, do *footing* na praça", esta mudança:

"Noite serena, de cidade moça...
A Avenida e a Praça
da Liberdade
onde se exhibe a elegância, e a graça
da cidade,
Não tem mais o encanto de outros dias...
Chegou o inverno. As noites estão
frias
A cidade, agora,
se diverte de outra forma.
Em vez do *footing*
na Avenida ou na Praça
é cinema, chá dançante,
barraquinhas e outras festas,
saraus no Clube Floresta
ou no Belo Horizonte."



Mariquinhas



DO "FLIRT", DO "FOOTING", DA SEMANA

D. Albertina Bertha! Fruta rara
Nesta terra onde ha ainda gente arara

Que não crê em talento feminino...
Ella, porém, possui talento fino.

—“Fala baixo demais; conferencia
Tem que gritar qual vendedor de lista...”

D. Albertina Bertha balbucia.
Fala como quem está já na agonia...”

Disse-me o Sênsen (e o Sênsen tem razão)
A mulher nos matou de coração...

E a Telles de Menezes? Esta sim!
Possue uma garganta de clarim.

Vibra, bole com a gente, faz viver
Um romantico périto de morrer...

Bello Horizonte não é sopa mais...
E era um perigo se tivesse um cães!...

—“Este Dezembro, o mês de Nos'Sinhô,
Está mais enfeitado que um andô!”

Recitou-me, com graça, o Clementino,
Na rua da Bahia, ao sol a pino...

Enquanto isto, ao outro lado do passeio,
Agita-se, discute o rapaz feio

Que a amiguinha Lair acha tão lindo...
Uma moça tão séria está cahindo

De amores por um zinho atrapalhado
Da vida, e mais alto que um sobrado!...

Senhorita Odette nos sorri e passa...
O sorriso é mais doce que uma passa...

Minha princeza desaparecida!
Triste interrogação na minha vida...

Nunca mais! Oito dias sem a ver!
Ah! como é louco este meu bem-querer!

No "Trianon". São quatro horas. Nos espelhos
Os fletarchos são fortes e vermelhos...

A tarde desce... O aperitivo cresce...
Lembra a "Colombo" e, ás vezes, té parece

Que a "Alvear mudou para esta rua...
(Só aqui não se vê a imagem tua!...) "

O "flirt" avança. Servem-se cerveja
"Old Tom Gin", sorvete...E se pelega

Para encontrar-se uma cadeira a mais!
Sendo assim, esta casa dá p'ra traz.

Os freguezes procuram mais espaço
E não ficam aqui sem dar um passo...

A' noite, nos passeios da Avenida,
Continua palpitando a mesma vida...

Mas a Praça venceu o que existia
Cá em baixo de bom, de phantasia...

E os bigodinhos a estragarem a Praça!
Emfim, já temos carnaval de graça...

Leopoldo Lima fica branco, quando
Um bigodinho passa-lhe roçando

A roupa branca, limpa e bem tratada!
Um bigodinho é sempre palhaçada!

A Praça acaba cêdo. Mas que pena
O "footing" não durar uma quizena!

K.

O *footing* das *jeunes filles* da tradicional família mineira acontecia na alameda à esquerda do coreto, no qual a banda da Polícia Militar era trilha sonora para os compassos da sedução.

Se algum namoro era firmado, o casal preferia um banco discreto, de modo a permanecerem “os namorados em conspiração com as rosas”.

As moças desfilavam de braços dados, cochichando risonhas, lançando olhares furtivos para os rapazes perfilados na beirada dos canteiros que tentavam fazer uma difícil escolha entre tanta formosura e graciosidade. Era, sem dúvida, uma maneira engenhosa de se conquistar um par.

Os rapazes compareciam esbanjando janotice em ternos de casemira inglesa, gravata e chapéu de lebre. Os mais esnobes usavam bengala de castão de prata.

Do outro lado passeavam as pessoas mestiças, as de condição humilde, um conjunto tão ardilosamente desvendado por Pedro Nava em *Lé com Lé, Cré com Cré*.

À direita do Palácio do Presidente, bem no pátio do Instituto Ezequiel Dias (onde atualmente está a Biblioteca Pública), ficava o serpentário com seus altos muros. Íamos visitá-lo acompanhadas de nosso irmão Achilles e das irmãs mais velhas, que nos suspendiam para vermos as cobras. A gente se agarrava à amurada e espiava. Lá embaixo estavam elas, nadando nos canais ou enrodilhadas, quietas ao sol. Arrastavam-se coleantes pelo cimento e às vezes eram levantadas, pelo funcionário, por um gancho na ponta da vara e exibidas ao público. Raramente alguém mais corajoso se dispunha a segurá-las, como acontecia com Achilles.

Eu tinha verdadeiro horror àquele animal capaz de enlaçar e sufocar. Então, descia depressa da amurada do serpentário e olhava com grande respeito para Dora que, fascinada por aquele cenário, brigava para não descer do muro, agarrando-se às grades.

Arquivo Eunice Vasconcelos



Francisco Martins Filho, João Damacezar Gomes Teixeira e Pedro Nava
Belo Horizonte, 1926

UM EPISÓDIO INSÓLITO

A VIDA É UM INCÊNDIO: NELA
DANÇAMOS. SALAMANDRAS MÁGICAS
QUE IMPORTA RESTAREM CINZAS
SE A CHAMA FOI BELA E ALTA?
CANTEMOS A CANÇÃO DA VIDA
NA PRÓPRIA LUZ CONSUMIDA

MÁRIO QUINTANA

O episódio do incêndio que teve início no porão da rua Gonçalves Dias, 1218, originou diversas interpretações.

Para meus olhos infantis, o efeito foi espetacular, de certa forma grandioso. E o grandioso, mesmo com sentimentos contraditórios, é bom que aconteça conosco! A única certeza que eu tenho hoje é a de que tais fatos insólitos só poderiam ter acontecido nos tempos do Salão Vivacqua. Creio que Drummond, em *Doidinho*, bem o traduz:

"E já não somos nem Raros nem Malditos
mas simples Doidinhos de nova espécie,
arrancadores de placas de advogados e
dentistas
em noites de pouca ronda,
pequenos incendiários sem tutano
de atear completas labaredas.
Somos o que somos, mestre Horácio.
A noite mineira é mais tranqüila
Convida, camarada, a pecar mais um momento, um
só, bem lento.
Incendiários e bandidos futuristas
(não se dava por menos)"

Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, nos seus 80 anos (26/10/82), refere-se ao incêndio nos seguintes termos:

"Fizemos amizade com as Vivacqua, moças do Espírito Santo, cultas, inteligentes, modernas em relação às mineiras daquele tempo. Os rapazes da cidade freqüentavam sua casa, onde se

Rio, 26 de junho, 1979.

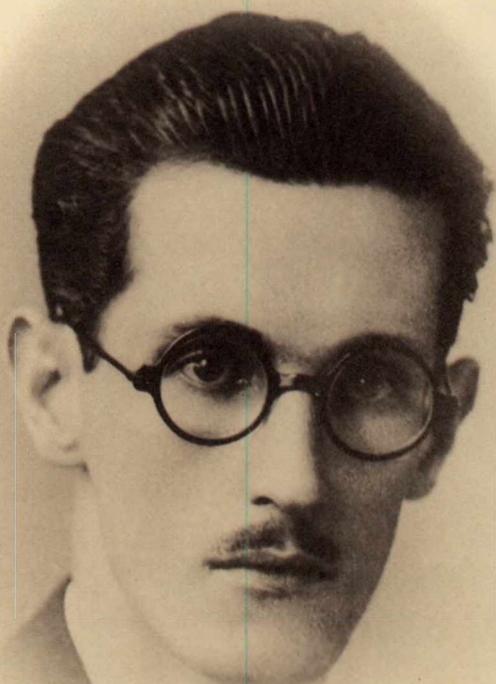
Caro Eunice:

"Aquele Belo Horizonte" e o Belo Horizonte de hoje... Você marcou bem o contraste, oferecendo-me o postal da inuspetável Ingalva Otton 1218 (casa de onde me parece que estão saindo muitas, versos, risos de moças) e o da cidade entupida de edifícios, que hoje todo nós admiramos sem aprovar. "Idéia gostei", a sua. Retiro a casa de sua família e vêm-me as lembranças de um tempo nem sempre bem aproveitada, e às vezes atômica, mas sempre delirante. Muitas das minhas melhores lembranças passam na sua casa e no ambiente de espírito e graça que aí reinava. Tanto amizade muito especial de sua irmã Manipulhar, com quem me afeiçava mais do que com as outras (embora me afeiçoasse com todas). Como você recebe bem! Com naturalidade, elegância não afetada, e uma personalidade que nunca nos mais casamentos, como eu, um raio de sol na alma. Não sei por que fizemos aquela bobagem. Manipulhar nos compreendeu e perdoou. É de ter ficado numa doce lembrança: a de você e de sua cara amiga.

O mais carinhoso e apadecido abraço do

Carlos Drummond

Coleção Mário de Andrade / IEB / USP



Rio, 9 de fevereiro 1977

D. Eunice:

recebi com enorme emoção sua carta de dias atrás contendo informações sobre seu irmão Achille Lévraqua. Sempre sua figura gentil me aparece quando lembro sua família que conheci logo depois de sua instalação ^{em B. N.} mantendo relações de muita amizade com a Ilma que alas - depois esposa do poeta Teófilo Leixoto. Lembro na memória a figura do seu irmão Edelmira, ^{campesino} Hilma, Ilma, Ilma e Hilma. Havia outras menores meninas ainda, entre as quais devia figurar a Sô-nhora. Conheci muito Achille Lévraqua e quando dele a lembrança dum moço delicado, sensível, um tanto tímido e muito bem educado. Conhecia sua participação no movimento dos "novos" de Lapa guapes e no "Leite Tricoulo" de João Aornas, fui ele mesmo leitor e dele. Terei de tratar de tudo isto no 4º volume de minhas Memórias (que estou escrevendo agora) e assim, suas informações tão competentes chegaram na hora oportuna. Quando tratar dos movimentos nos dias (em ilhas boas mais de seu) em nota

tenha poder de falar do belíssimo Jardim e sua mi-
nueira que mereço sua poesia.

Já sabia de sua existência e residen-
cia em Sabará por intermédio de Lúcia Ma-
chado de Almeida que disse - me estas em suas
mãos em desenhos meus. Quem é ele? Fiz mais
de um para a ultraiquinata. Deve ser um des-
tes ou do álbum que ela possuía.

Reiterei a emoção que me trouxe sua car-
ta, lembrando fatos de há 50 anos atrás. Não
me noticiars de sua família. De um por um.

Receba uma visita muito atenta do
seu devedor que permite-se chamar ami-
go

Jo >

Pedro Nava

Rua da Glória 190/702 22-06
Rio de Janeiro, RJ.

P.S. Não sei o endereço do Guilherme Carlos Casca. Há
tempo escrevi a ele para o Tribunal de Contas
do RJ. Como não tive resposta, creio não sei
o bom endereço.

PN

realizavam saraus de música e poesia. Eram moças bonitas, simpáticas, alegres.

Um dia, eu e o Nava resolvemos botar fogo nas roupas que estavam no varal da casa.

Por quê? Por nenhum motivo em especial. Como personagem de Gide em *Les caves du Vatican*, que resolve empurrar um sujeito para debaixo de um trem só para cometer um ato gratuito. É isso, o nosso foi um ato gratuito. As moças, ao verem a fumaça, saíram correndo de seus quartos, de camisola, pensando tratar-se de um grande incêndio.

Depois correu o boato de que havíamos posto fogo naquelas roupas só para vermos as meninas de camisola. Eu e o Nava."

Esta sempre foi a interpretação de Achilles. Porém, que as moças da casa, alvoroçadas em suas camisolas esvoaçantes como borboletas, tenham sido realmente surpreendidas por olhares profanos, não acredito. Sei porque Achilles logo as impediu de entrar em cena. Nós, meninas, permanecemos na varanda, grudadas umas às outras, fascinadas por toda aquela azáfama.

Mais de meio século depois, em carta de 26 de junho de 1979, Drummond me escrevia:

"Revejo a casa de sua família e vêm-me as saudades de um tempo nem sempre bem aproveitado, e às vezes até mal, mas sempre delicioso (...)

Não sei porque fizemos aquela bobagem. Mariquinhas nos compreendeu e perdoou."

Em *Beira-mar*, Pedro Nava relembra o episódio do incêndio fazendo incidir o foco de suas lembranças sobre o juízo que o norteou como verdadeiro memorialista¹:



Coleção Ana Jaguaribe Nava

Retrato de Pedro Nava, desenho de Orósio Belém, década de 20

¹ "Usava o direito de memorialista de ser profeta do passado e do ainda não acontecido, colocado num futuro que já é pretérito. (...) Escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo. Escrever memórias é animar e prolongar nosso alter ego. É transformar vida, dar vida ao nosso William Wilson, é não matá-lo como ficção de Poe. E essa vida é a verdade."

"Foi aceso um foguinho por dois que entraram furtivamente no porão das Bevilaqua. O par foi dar uma voltinha na Praça da Liberdade para espairecer o blues. Ao voltarem à Gonçalves Dias 1218, verificaram aterrados que o incêndio alastrara e rugia no porão da casa. Os próprios incendiários deram o alarme e misturados à família combateram as chamas. Mas perceberam que eram suspeitados. Desceram arrasados, acordaram o João Pinheiro Filho, pediram palpites, pensaram em fugir para São Paulo, mas o conselho do amigo era que fossem dormir e que se fizessem de 'André'. Ai dos dois...

Logo Belo Horizonte saberia de tudo e o Zegão, que tinha culpas no cartório, já no dia seguinte, jantando em casa dos Machado, ouviu o relato da boca indignada de Hilda. Tinham ateado o incêndio e por cúmulo da maldade, debaixo dum fio elétrico para provocarem um curto circuito.

Não foi tanto assim, Dona Hilda... Como é que o senhor sabe? Curto circuito sim senhor! Sei por minhas irmãs que são vizinhas da pobre família. Afinal de prova em prova ficou claro que tudo aquilo era coisa de nefelibatas futuristas. E de dois dos mais perigosos...

O belo advogado jejuno de causas, o almiscarado Zsparne dei Zsparoni foi à casa das Bevilaqua oferecer-se para processar de graça os dois incendiários e bandidos futuristas (não se dava por menos). Ambos escaparam de uma desmoralização que teria vindo até hoje se a própria família, vítima da diabrura, não tivesse compreendido tudo, até os móveis dos réus, e não tivesse generosamente negado o fato!"

Mas o querido amigo acabou quebrando a fidelidade narrativa só para preservar a família. Em carta de 19 de junho de 1979, em resposta à minha pergunta de por que Bevilaqua em vez de Vivacqua em suas memórias, esclareceu: "Por que Bevilacqua? Só porque não ousei escrever o nome Vivacqua, receio aborrecê-los mais do que já o fiz. Certo?"

Ao que me recorde, o fogo foi ateado através da terceira seteira do porão da casa, na lateral que dá para a rua Sergipe, fazendo esquina com Gonçalves Dias. Neste local ficava um quarto de despejo grande, que se estendia até a quarta seteira, sempre fechada devido a estar junto ao rés do chão. As outras permaneciam abertas para arejar. A primeira e

segunda seteiras da rua Sergipe davam respectivamente para o quarto de passar roupa e para o quarto das agregadas da família, Isabel e Aurora, que ficava debaixo da varanda bem ao lado do quintal e próximo ao quarto de Sá Inácia. A fumaça escapou pelas seteiras até a rua e, por debaixo da porta, invadiu o dormitório delas. Apavoradas, deram o alarme, acordando primeiro a moçada, pois Achilles dormia do outro lado da casa, defronte ao jardim da rua Gonçalves Dias.

Mesmo sendo o último a chegar, meu irmão desceu as escadas para ajudar Sá Inácia, Isabel e Aurora a debelar o incêndio que se alastrou no porão, no local onde havia um depósito de móveis, brinquedos e sucata lá deixada pelo Sr. Honorato, o proprietário da casa.

Passados o susto e o reboliço, todos os familiares foram terminantemente proibidos por Achilles, o "cabeça da família", de falar sobre o assunto com os vizinhos, colegas de escola e visitas. Era para se dizer que foi um "foguinho-à-toa, de galhos e folhas secas juntadas da varrição do quintal, mais o cigarro jogado da rua."

Mas o assunto do incêndio revolucionou a cidade, virou manchete e agitou as rodinhas de conversa. Transeuntes passando e parando para olhar lá dentro através das seteiras, e eu sentindo o clima de desassossego que pairava lá em casa. Mas, à curiosidade acesa dos vizinhos, a resposta da família era invariável: silêncio tumular.

No porão, pouca coisa se salvou. Chorei ao ver meu brinquedo predileto – o cavalinho de massa branco malhado, que balançava num vai-e-vem sobre o arco de madeira – todo chamuscado e sem as crinas. Lindas crinas que voavam, quando se cavalgava forte. As mobílias da casinha de bonecas, as bugigangas da lojinha, panelinhas, bules, tudo virou carvão. O velocípede de Dora ficou sem o assento e as extremidades do guidon. Cadeiras quebradas e sofás à espera de conserto se transformaram num monte de destroços.

Hoje, até Deus está sorrindo desta história. Tanto Achilles quanto Pedro e Carlos estão em colóquio no céu com os Santos Anjos e as Santas Mulheres, já que se tornaram Santos Homens.



Dora e Eunice



Mieta Santiago



Iracema, Miss Barbacena 1929



Maria Geralda Salles



Maria Helena Mancini Caldeira



Annette Fraga



Edelweiss Barcellos



D. Etelvina, Dora e Eunice vestidas para festa junina

AS TESSITURAS DOS “ASSUSTADOS”

OH SE ME LEMBRO E QUANTO
E SE ME LEMBRASSE?
OUTRA SERIA MINH'ALMA
BEM DIVERSA MINHA FACE

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A agitação no preparo dos “assustados” começava com dias de antecedência. Mamãe Etelvina, a matriarca, comandava com mão firme seu séquito de auxiliares. Com Isabel, cria da família e seu braço direito, ela ia para a cozinha determinar as tarefas das demais auxiliares, agregadas subalternas. As duas assavam enormes tabuleiros de biscoitos variados, receitas de família. As fornadas iam se multiplicando, e um cheiro gostoso, inconfundível, invadia a casa, assanhando a criança-da. A gente corria a raspar os restos agarrados nas tigelas e gamelas. Depois, vinha a segunda fase. Era a vez dos recheios e docinhos enrolados. As seis moças da casa e as amigas mais chegadas tomavam lugar em volta da grande mesa da sala de jantar, cuidadosamente forrada para não sujar. Punham-se todas a enrolar docinhos e biscoitinhos minúsculos como a unha do dedo mindinho e fininhos como palitos. A criança-da excitada, gulosa, sem nenhuma chance nesse ritual preparatório, era constantemente expulsa para fora. Em mesa típica, resquícios de nossas raízes além-mar. Ajudada pelo caderno de receitas culinárias da família, lembro-me dos curiosos nomes dos doces: suspiros azedinhos de limão, bombocado, queijadinha de Cintra, casadinhos de goiabada, presuntinhos de amendoim, margaridinhas de *marzipan* de miolo colorido, quindim da vovó, dedo-de-moça, dedal de preguiçosa, toucinho do céu, fatia de Braga, tareco, coração de chocolate, *croissants* de amêndoas, quadradinho de meu bem, não-me-toques, beliscões, sequilhos de Mariana, quebra-quebra, *palmier éclair*, beijos de amor, amanteigados, brevidades, *tartelettes*, *amandines*, alfenins, balas de ovos, *carrés* de chocolate, maçãzinha, papos-de-anjo, mãe-benta, docinho-de-batata-roxa, tâmaras recheadas, figos, passas, olho-de-sogra, beijinhos de amêndoa recheados de doce de ovos moles e deliciosas frutas cristalizadas!

Para beber, licores, refrescos e limonada gasosa. Licores de cacau, de leite, jenipapo, abricó, jabuticaba, figo, laranja, café, chocolate, guaco, caroços de pêssego, hortelã, pitanga. Esses licores caseiros eram trabalhosos. Para ficarem limpos e transparentes, tinham de ser clarificados antes de filtrados em algodão e depois em papel-filtro. Os refrescos de abacaxi e de uva, espremida mesmo, e vinho tinto. No inverno, serviam-se também bebidas quentes: chá preto, *lipton* ou verde, com fatia de limão; chá mate e conhaque. Chocolate com gemas e fava de baunilha, mexido com colher de pau, ou gemada com vinho do Porto eram servidos nos dias muito frios para aqueles que apareciam gripados.

A gente participava desse cenário agitado, quase febril.

Mas não bastavam a prodigalidade da mesa farta do imigrante italiano Antônio nem a delicadeza e requinte em sua apresentação.

Outros preparativos estampavam os pendores artísticos e os inquietos sonhos daquelas moças: os cartõezinhos de contradança. Eram feitos em duplicata, com o mesmo motivo decorativo desenhado, sempre romântico: uma flor, um pássaro, barquinho, paisagem, luar no lago (*clair de lune*), buquês, corações, mãos entrelaçadas. Eram de cartolina branca, as capas desenhadas e pintadas a aquarela por Maria, Mariquinhas, como o grupo a chamava. Esses cartõezinhos eram distribuídos em saquinho de veludo ou cetim, entre as moças e os rapazes que permaneciam em grupos separados, no início dos saraus. Na hora de dançar, os pares se formavam de acordo com a duplicata do desenho. Era uma forma delicada e engenhosa de evitar que alguma senhorinha tomasse "chá-de-cadeira". Se a companhia era a desejada, o par se tornava constante. Se não, separavam-se após vencidas as formalidades da boa educação: não rejeitar em hipótese alguma o convite feito.

Outra deliciosa fórmula da alquimia da aproximação eram os *cotillons*, cartõezinhos individuais distribuídos entre as moças solteiras. De formato duplo, capa delicadamente pintada, enfeitado com lacinho de fita no canto, tinha pendente na lateral um minúsculo lápis. Na parte



6 April Eunice
7 April Eunice
8 April Eunice
9 April Eunice
10 April Eunice
11 April Eunice
12 April Eunice
13 April Eunice
XX

Carnet de bal de Eunice, década de 30

interna de alguns, às vezes, se escrevia um pensamento ou estrofe de verso, como introdução sugestiva. Mas a grande maioria desses *cotillons* era internamente vazia e preenchida repetidamente com o nome do par favorito para o resto da noite.

Para tornar mais vívidos os contornos e a atmosfera dessas descobertas amorosas, tomo emprestado de outro contexto o soneto de Baptista Santiago:

"Encontro de Armas

Cavalleiro do Amor e da Esperança,
Cheguei ao teu solar, Princeza minha,
Trazendo em riste o Orgulho – minha louca –
E o Valor – longa espada sem bainha...
Uma cota de malha me convinha:
Vesti-me da mais solida confiança...
- E, pelas armas, logo se adivinha
Que o que minh'arma quer meu braço alcança
Valor, Confiança e Orgulho espada, escudo
E lança! – Nada mais era preciso
Para vencer no Amor... vencer em tudo...
Num degrau de teu solio apenas piso,
E eis que desmaio, e tremo, e fico mudo
- Ante o fragil florete de um sorriso!..."

Os saraus terminavam sempre em colóquios no sofá ou no beiral das janelas, com as figuras filtradas pelas cortinas de filó esvoaçante.

Entre as moças freqüentadoras da casa, posso citar as belas Lagoeiro, as sóbrias e aristocráticas Von Sperling e as Medeiros Cruz, entre elas a linda Odette. Todas enfeitadas com esmero e graça.

A moda ainda não alcançara os tempos de ousadias femininas nos cortes dos cabelos e no comprimento dos vestidos e, em 1923, ainda predominavam os veludos e os organdis armados que só o talento caprichoso das agulhas de então era capaz de suavizar nos belos



A CAVEIRA

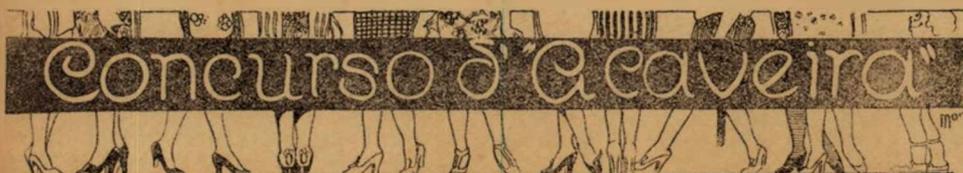
Semanario Humorístico Acadêmico



ANNO I

BELLO HORIZONTE, 2 de Outubro de 1927

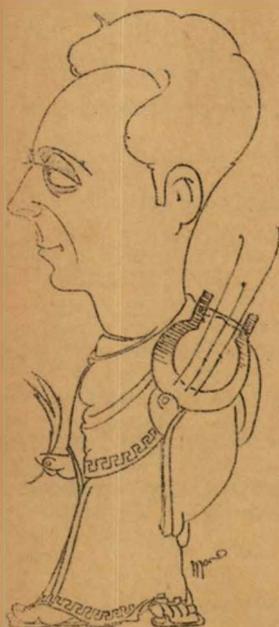
NUM. 18



Qual a senhorita que tem os pés mais elegantes de Bello Horizonte?

RESULTADO DA APURAÇÃO DA ÚLTIMA SEMANA:

Elym Penna	9
Abigail Vivacqua.....	6
Cecy Gontijo.....	6
Adalgisa Gomes	6
Lucia Machado.....	4
Guiomar B. Valente	6
Zuleika Alves Pereira.....	2
Lucia Morandi	2
Maria Aparecida	2



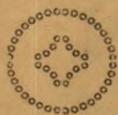
Qual a senhorita que tem os pés mais elegantes de Bello Horizonte?

Voto na senhorita.....

Nome do votante.....

Bello Horizonte, de de 1927

(CORTE ESTE "COUPON" E NOL-O ENVIE)



São pés de senhoritas da nossa melhor sociedade, numa das ultimas reuniões chics da Capital. Quem são ellas?

vestidos que nos encantavam. E também ao Pedro Nava: "o amarelo da Mariquinhas Vivacqua era a coisa mais leve deste mundo".

Mas para aqueles olhares viris de inteligente rapaziada era preciso mais que esmero em vestir-se e requinte em receber. Busco a cumplicidade de Pedro Nava para melhor delinear o momento destes inesquecíveis tempos:

"Eram as Vivacqua muito simpáticas, muito cheias de curiosidade intelectual, eram também muito sociáveis, muito bem educadas e livres de carrancismos. Eram muito freqüentadas por Carlos Lobo, Delorizano de Moraes, Batista Santiago, Nilo Bruzzi, Moacir Deabreu, Carlos Drummond de Andrade.

As portas de sua casa abriram-se à gente moça que lá aparecia atraída pela boa conversa e pela hospitalidade perfeitas delas e de seus pais.

Fui levado lá por Carlos Drummond de Andrade e logo tornei-me mais íntimo de Mariquinhas a quem, por minha vez, apresentei o Roberto Stonehaven Brandão e meu primo Zegão – logo tornados diaristas. Coloco esse amável conhecimento em 1922 pela conotação de desenho que fiz no álbum de Mariazinha."

Dançavam-se geralmente ao som do piano e raramente do gramofone as músicas de sucesso de época. Não faltavam pianistas, pois era comum esse predicado entre as *jeunes filles* de então. As peças musicais eram executadas ao piano particularmente por Filó Vivacqua e Lourdinha Lindouro Gomes.



Carneval, 1920. Olinda Vivacqua (prima), Mariquinhas, Marganda, Marinela Peixoto e Edelmira



Camaval, 1922. No grupo: Lauro Alencar Marques e Silva, Pedro da Silva Nava, Fábio Emilio Nelson de Senna, Evagrio Rodrigues, Afonso Arinos de Melo Franco, Francisco Pinto de Moura Filho, Álvaro Neves, José Pinheiro da Silva, Rolinha Xavier, Edith (Tita) Neves, Julinha Rosa Correia, Célia Neves (Paty), Esmeralda Vianna, Manuelito Rosa Correia, Maria Mendonça, Dorinha Neves, Antonieta Medeiros Cruz.

O repertório para essas moças e rapazes bem comportados constava de valsas vienenses e nacionais, polcas, tangos e as sempre solicitadas mazurcas, particularmente as de Chopin. Ao seus acordes, o salão se enchia de pares que as dançavam em todas suas modificações, ora elegante, ora brilhante, ora sentimental. Só outros acordes, os insinuantes de Strauss, se alternavam nesta preferência. Eu e Dora nunca nos cansávamos de ouvir *Danúbio azul* e *A viúva alegre*.

Dos tangos argentinos e os brasileiros, consagrados nas obras de Ernesto Nazareth, dançava-se somente a sua modalidade de salão, já que o *criollo* ou *tango-milonga*, com suas variações rítmicas, não era considerado decente para os volteios das donzelas de família.

O mesmo acontecia com o samba. Do sambinha, do cantor Paraguaçu, de lambada e do *demi-garçonne*, só se ouvia falar de sua existência na zona boêmia...

Àquela época, eu estava ignorante desses escrúpulos de moralidade e lembro-me de Achilles vibrando com o ritmo do samba de morro, uma de suas fontes de inspiração. Se estavam banidos dos saraus, parte desta alma popular se rebelava, pois até hoje posso cantarolar *Abre alas* de Chiquinha Gonzaga, o *Eu vi* de Zezinha e as marchinhas do Freitinhas.

E as diletas de Achilles – as modinhas. E quanta ternura silente para *Luar do sertão*, famoso mais em função da letra de Catulo da Paixão Cearense do que pela belíssima música de João Pernambuco!

As pungentes notas melódicas de *Casinha pequenina*, *Rouxinol de Elvira* e *Tão longe, de mim distante* – que hoje provocam muxoxos de desdém pelo tom lacrimoso – faziam umedecer as pálpebras de minhas filhas, quando elas pediam que eu as entoasse sempre à noite, após o jantar.

Mas o que mais adentrava o meu coração de menina era o *Momento musical* de Schubert, que dedilho até hoje ao piano. Já na maturidade, fui reencontrá-lo, tocado no órgão nas missas mensais das mães cristãs e, a cada vez, me emocionava até as lágrimas.

1

B a i r a r i n a d e M a c u m b a

No silencio do mocambo,
o soluçar longicuo dos negros
é um brando coro que de noite vai cahindo
no soturno bojo do urucungo...

- M ma -- Cumandá.
- É bumba!

Pelo chão batido do mocambo,
a mestiça levida
de peitarra suspensa,
~~olhos me embaçados~~,
gafurinha em riste
vem rebolando
numa bola
em rapidos movimentos....

Pae-de-Santo, *com os olhos se micenados,*
apagando a voz no bojo soturno do urucungo,
beijando a espada curva
que lhe estendeu o cambôto
para transformar em sacrificios
a pomba branca
e a gallinha preta
dos macabros orichás,..
Para o céu os braços, erguendo
numa attitude de prece,
para junto do altar dos sagrados mysterios
da liturgia gege-nagô,
evocando os idolos da macumba:

aquele
comucha

- Ianzô-Ogun-
Eixu--Ossanha
Oxala - Aoxum,
- Uuulu...

Drummond, em crônica, me ajuda a completar esta memória musical:

"*Melancolia*, depois rebatizada para *Olhos de veludo*, valsa de Pedro Galvão; *Recordação do passado*, de José Euleterio Pita, que foi transformada na quadrilha *Estrela mineira*; *Risonha*, polka de Pedro Galvão, transformou-se em *Flautina*."

"Enfim, saudade também é história", completa o poeta. Ele próprio não dançava, ficava proseando com seu par. Esquivando-se dos apelos, anos mais tarde expressa em versos a sua atitude:

"Na minha face foi gravada
foi por lei hereditária
este não dança."

Havia também o entretenimento da declamação de poemas. Era uma variação, esta para o estável e seguro, entre tantas ousadias literárias. Margarida, a Margô, a oitava filha, era a declamadora do clã. Passava horas memorizando Olavo Bilac e Coelho Neto, os ícones daquele tempo, compulsoriamente amados e apreciados como atestado de bom gosto e cultura livresca. Uma mescla de ingênua pureza em que se insinuava, de quando em vez, o toque belíssimo dos poemas modernistas.

O álbum de Maria circulava entre os presentes de mãos em mãos. Nele, os rapazes ora desenhavam, como foi o caso de Pedro Nava e Raziél Barcelos, ora escreviam versos, como Drummond e Baptista Santiago, que Mariquinhas ilustrava em aquarela; outros emprestavam pensamentos e dizeres de autores consagrados. Pedro Nava assim captura um desses momentos:

"Ela queria que eu guarnecesse uma página com decoração que deixasse lugar para um poema a ser escrito em baixo: Uma Arte Nova, dizia ela. Fiz.

No alto, em silhueta (e porque era 22) os personagens do grito do Ipiranga em azul diáfano, se destacando sobre sangüínea dum crepúsculo de Belo Horizonte."

E esta relíquia antológica – hoje sob a guarda de uma das netas de Maria, Mariquinhas –, cujas vozes de outrora ainda habitam suas cifradas mensagens, é bem o símbolo dos sonhos de uma época que não se culpava de singelamente desejar ser feliz.

Abgar Renault relata para mim algumas de suas impressões sobre os “assustados”:

“Essas reuniões foram de elevado valor, não apenas social, senão também intelectual, havendo ficado notáveis na cidade os jornais falados daqueles saraus admiráveis, em que se liam crônicas e se diziam versos.”

De súbito, um gesto de fingido despotismo: “São jornalistas esta noite!” E acontecia o “Jornal falado” no Salão Vivacqua, perenizado o seu espírito nos versos de Drummond:

“Garotas de Cachoeiro civilizam
nosso mineiro burgo relaxado
No salão todo luz chega o perfume
das roseiras da Praça. Burburinho.
Aqui, a se sorrirem, vejo os máximos
escritores da nova geração.
São jornalistas esta noite. A bela Angélica,
a suave Edelmira, a grácil Mariquinha
assim o determinam. Milton Campos
abre o Jornal Falado. Flui a verve
de seu editorial. Na sua voz,
a política é um jogo divertido
de punhais cetinosos que se cravam
sem derrame de sangue – e a vítima nem sabe,
perremisticamente golpeada,
que já morreu: continua deputado.
De Abgar, primeira página, o soneto,
mais lapidado que diamante,
recebe aplausos invejosos. Oh, quem soubera
tanger assim o lírico instrumento,



Abigail



Filomena



Edelmira

decerto conquistara
 todas as do planeta moças lindas!
 Um êmulo romântico se aproxima:
 é Batista decassílabo Santiago:
 'Ah, saudade que vive me enganando
 e faz que eu ouça a tua voz, ouvindo
 as folhas mortas em que vou pisando...'
 Jornal é só poesia? Nada disso.
 João Dornas traça a viva reportagem
 urbana. Que parada,
 achar acontecimentos onde nada
 acontece, depois de Rui Barbosa!
 Ele inventa, ele cria? Fatos raros
 baixam do lustre, pulam do tapete
 e Nava, prodigioso desenhista,
 risca os perfis, os gestos, os lugares.
 Delorizano, grave,
 fala de ciência
 e Romeu Avelar conta do Norte.
 Aquiles é o cronista social:
 noivados e potins e flertes surpreendidos
 na segunda sessão de Odeon... Caluda!



Margarida



Margarida, Filó e Edelmira



Filomena

Alguém pode não gostar. João Guimarães é o nosso humorista. João Alphonsus inicia o romance-folhetim:
em minutos tem princípio, meio e fim.
Eis chega a minha vez. A minha vez?
Mas como? se eu esperava não chegasse
e lá pela meia-noite o sono embaciasse
os anúncios da quarta página, final..."

E tantas outras escolhas no faz-de-conta dos adultos, atores de seus próprios dramas, juízes de seus destinos. Cenário familiar para nós que também brincávamos com a fantasia, cada um fazendo-de-conta que era um mito ou ídolo bem escolhido? Não sei: era tudo tão fascinante e, ao mesmo tempo, tão perturbador com seus mistérios tecidos de tantas coisas ainda desconhecidas que eu só vagamente pressentia...

Ah! As inesgotáveis variedades desses saraus! Não apenas a plasticidade dos jogos de sedução – que eu apenas vislumbrava. Mas aquele brotar sincronizado de sugestões e improvisações que tinham o dom de reunir em comunhão artística tanto os que teimavam em se isolar como todos que prezavam esses momentos de confraternização.

Eu, que àquela época tinha uma mãe-preta amorosa para fazer meus brinquedos, hoje sei que aquelas pessoas estavam escutando Manuel Bandeira, ao se disporem a fabricar elas mesmas os seus brinquedos da vida, "preparando nós mesmos a nossa felicidade."

Esses acontecimentos e emoções tinham como cenário um salão imenso, com o toque insólito de uma coluna com a estátua de Desdêmona. O mobiliário era composto de sofás e cadeiras de linhas curvas: mesinha oval de centro e outras, redondas, nas laterais dos móveis estofados; console de mármore, pés altos com espelho e o piano. A madeira era amarelada com frisos e encaixes claro-escuro, de flores miúdas, *art nouveau* típico. Altas cantoneiras arrematavam o quadro. Sobre elas, um par de *cachepots* de prata, com decoração de rosas em alto relevo. Havia almofadas de cetim e crochê de bordado aberto com laço de fita e grelô, sempre arrumadinhas no mesmo lugar.

No piano, jarras de louça branca florida ou de cristal da Bohemia azulão, facetado, sempre com flores da estação. Bibelôs de *biscuit* enfeitavam aqui e ali.

Nas noites dos saraus, dos "assustados", a única preocupação minha e de Dora era fugir à noite da cama. Saíamos de camisolinha comprida de pala franzida e rendas delicadas, e nos escondíamos debaixo da grande mesa elástica, aberta com todas as suas tábuas. Assim, devidamente protegidas pelas longas e alvas toalhas de bordados abertos em *richelieu* e de bicos rendados, espiávamos pelos buracos os dançarinos e podíamos roubar os doces e sequilhos que finalizavam as reuniões. A grande tentação era a fruteira de prata rendilhada, com três cestinhas penduradas balançando, cheia de doces saborosos.

Gostávamos de comê-los marcando compasso com os pés descalços, no ritmo da música, ora alegre, ora nostálgica, que vinha do piano...

Eu e Dora passávamos despercebidas, pois as pessoas grandes trocavam *cotillons* ou valsavam. Mãe Etelvina e outras mães, na sala ao

lado, confabulavam, muito provavelmente sobre o destino daquelas moças bonitas e casadoiras.

Tudo era deslumbramento aos meus olhos: as risadas alegres, o burburinho do salão inundado de luz, os moços engravatados e as moças de vestidos farfalhantes, de faixas largas, flores na cintura ou junto ao colo.

Tantos outros destinos se cruzaram indelevelmente enquanto eu os contemplava com os olhos da minha inocência! Inclusive o meu próprio, pois que os pedaços do cotidiano que aqui tento reconstruir bem refletem minha saudade deste mundo de lembranças. Não um saudosismo estagnado, mas aquele passado que habita o presente com todas suas sensações, anseios, temores, amores, desejos secretos... É de fato aquilo que nosso Drummond tão bem definiu: "O passado não passa nunca e o presente não tem a mínima significação quando sabemos prender com o alfinete invisível as horas antigas."

E, se "disso é feita a vida, só de momentos" como me sussurra Borges, então este meu fiar de agora não se perdeu em meras recordações.

Espiando, atenta e receptiva, por entre as frestas das toalhas, aquele mundo em gestação, não passei impunemente por tanta beleza e alegria: descubro-as nos amigos de hoje e nos solitários percursos de minhas leituras; reencontro-as nas músicas de que gosto e nas tintas dos pintores de todos os tempos.

Esse espaço onírico de minha infância, de universo próprio que só a gente penetra e manuseia, me ensinou muito mais.

Hoje sei e amo as gentes que, com suor e prazer, construíram as obras que restauro, tentando resgatar o que parecia perdido. Tal como preservo, amorosamente, a memória poética daqueles "assustados".



AS ESTAÇÕES DO PRESENTE

É A IMAGEM NA MENTE QUE NOS UNE
AOS TESOUROS PERDIDOS; MAS É A PERDA
QUE DÁ FORMA À IMAGEM.

COLETTE

Tentei recriar esta fabulação com as tintas artesanais de minhas evocações. Hoje não se faz mais de conta. Nenhuma ama preta carinhosa vem consolar a menina chorosa de suas perdas. Perdemos não somente aqueles que amamos, mas também perdemos sonhos e ilusões. Um pouco da gente fica para trás e maltrata o coração.

Como compreendo o saudoso amigo Pedro Nava: "A memória acaba conosco; acaba interrompida; porque tudo é interrompido. A vida é interrompida."

Então, construo um dueto com os admiráveis versos finais do inédito *Poema sonhado e não escrito*, de Abgar Renault, remetido a mim em comovente carta de 26 de novembro de 1987 e que tão intensamente consegue refletir a saudade dos que já partiram para sempre:

"Eu aqui estou, o teu amigo de antes
e de depois, andando, desandando,
em busca de uma indefinida nuvem,
para abraçar no tempo fugitivo,
ó meu morto Carlos Drummond de Andrade,
a tua subterrânea eternidade"

Aprendi a lidar com as perdas de uma maneira viva no meu cotidiano. Eu as aprisiono, cultivando e preservando coisas significativas do passado: a malva do vaso de barro da janela do quarto de Achilles; as violetas roxo-paixão que cercavam os canteiros da casa da rua Gonçalves Dias; o jasmim que se enlaçava nos gradis do mesmo casarão; o bambuzinho do canteiro em forma de coração, bem no meio do jardim; a avenca do *cachepot* de prata, ornado de rosas em relevo,

que ficava na cantoneira do salão; o amor-perfeito da Praça da Liberdade, que só floresce no outono; o sabiá a cantar na gaiola; aquela folha seca, rendada, nas páginas do livro do poeta; os búzios da abotoadura; as conchinhas cor-de-rosa fechadas aos pares, que a gente abre devagarinho nas noites insones para olhar o retrato colado dentro, ou ler os versos; aquele xale de seda xadrez que protegia o pular do coração inquieto; aquela faixa do vestido de bolinhas vermelhas que cingia a cintura da menina-moça tímida, esquiva, romântica.

Nos meus laços de família, uma coisa eu sempre soube em segredo e eu a encontrei em *Memória*, de Cecília Meireles:

“(...)

Uns converteram-se em flores,
outros em pedra, água, líquen;
alguns de tanta distância,
nem têm vestígios que indiquem
uma certa orientação.

(...)”

E respondi como ela o fez, nos versos finais de *Reinvenção*:

“Mas a vida, a vida, a vida
A vida só é possível
Reinventada”

Então, continuo meu diálogo com o tempo sem fronteiras. E, agora, quem vem em meu auxílio? Aquela estrela bonita, luminosa piscando lá no céu, espiando a gente pela janela aberta? Desde as estórias de ama preta Sá Inácia, aprendi a contar estrelas até o sono chegar. Mandava recados para elas lá nas paragens distantes, onde viviam príncipes louros de olhos azuis, montados em cavalos brancos com arreios de ouro.

Hoje, mando o meu recado amoroso, na sutileza da brisa, para aqueles que partiram para a Grande Morada, mas permanecem vivos em meu coração. Para o meu rio Itapemirim de “costelas de fora”, cantado pelo poeta.

Eu mando um beijo luminoso para alguém insone debruçado no peitoril de uma janela. Para aquelas ondas moles, descansadas, de Marataíses, que banham as areias pisadas por pés descalços de crianças catando conchas e búzios, à gente grande de mãos entrelaçadas.

Meu beijo de prata-de-luar.



Arquivo Eusebio Vasconcelos



Achilles (último à direita) e amigos no portão da casa da rua Sergipe, década de 30
Em pé, de chapéu, o poeta Newton Braga

ANEXO

Achilles Vivacqua nasceu na antiga cidade de Rio Pardo, hoje Muniz Freire, no Espírito Santo, a 2 de janeiro de 1900, falecendo prematuramente aos 42 anos de idade, em Belo Horizonte. Entre o sanatório Hugo Werneck e sua casa, quando melhorava de saúde, transcorreram sua vida e sua produção literária. Aos 20 anos, mudou-se para a capital mineira e logo comprometeu-se com os novos tempos e os novos rumos da literatura. Participou ativamente do movimento modernista de 22, colaborando na célebre revista *Verde de Cataguases*, a mais característica do momento.

Fundou e dirigiu em 1928, com Guilhermino César e João Dornas Filho, o panfleto *Leite Criólo*, cuja redação era em sua própria residência. Solidarizou-se com essa rica geração, colaborando em diversas revistas: *Semana Ilustrada*, *Phênix*, *Para Todos*, *Careta*, *Fon-fon*, *O Malho*, *Ilustração Brasileira*, *Revista de Antropofagia*, *Vanitas*, *Revista de Artes e Letras*. Na última, a organização da *Página de Minas* ficou a seu cargo.

Colaborou também nos jornais *Diário de Minas*, *Folha de Minas*, *Correio Mineiro* e outros.

Correspondeu-se com Blaise Cendrars, Ribeiro Couto, Marques Rebelo, Ascenso Ferreira, Gustavo Barroso, Alcântara Machado, com componentes do Grupo Verde e muitos outros.

Com o pseudônimo de Roberto Theodoro, penetrou no cenário literário de 22. Publicou apenas *Serenidade*, plaqueta com seis poemas, como obra individual. Coletivamente, na grande revolução das letras, o seu nome e seus poemas estão nas melhores antologias, nas mais expressivas revistas literárias e culturais da época.



ACHILLES VIVACQUA
(ROBERTO THEODORO)

SERENIDADE
POEMAS

1928
ED. DO AUTOR

Acabou-se de imprimir este livro aos 4
dias do mez de Janeiro de 1928,
na "Typographia Bhering"
à rua Espírito Santo
522 - B. Ho-
rizonte

Achilles Vivacqua
V.V.

Achilles Vivacqua

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Esquecer para lembrar. Boitempo III*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Mérito, 1959.
- DIAS, Fernando Correia. *A imagem de Minas. Ensaios de sociologia regional*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.
- NAVA, Pedro. *Beira-mar. Memórias 4*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- RENAULT, Delzo. *Chão e alma de Minas. Memória sócio-econômica e política de 1920 a 1937*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. O Ecletismo em Minas Gerais - Belo Horizonte 1894-1930, in FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

TEMPOS DO SALÃO

FERNANDO CORREIA DIAS
LAGOA SANTA. OUTUBRO DE 1977

É com vivo prazer que me disponho a redigir o posfácio do belo livro de Eunice Vivacqua, *Salão Vivacqua*. Entendo que a obra representa o coroamento de décadas de interesse pela memória intelectual de Belo Horizonte, por seu notável acervo documental, constando de fotos, originais de textos, depois impressos, manuscritos (dentre os quais muitas cartas), coleções de revistas diversas e de jornais literários, tudo disposto em baús e em gavetas e prateleiras de móveis antigos. Como restauradora e encadernadora, Eunice Vivacqua demonstra inegável competência no guardar e conservar esse tesouro, e grande carinho, especialmente quando ressalta o material de e sobre o poeta e escritor Achilles Vivacqua, seu irmão.

De onde vêm o interesse artístico e as aptidões, inclusive no plano literário, de Eunice Vivacqua? Originaram-se no ambiente familiar e intelectual em que ela formou seu espírito, desde o início da década de vinte. Com a idade de seis anos, começa a exercitar seus dons de observadora sensível do meio social que a cerca. É pelo olhar retrospectivo pelo modo de ver, aceso agora de saudade, da menina Eunice que tomamos conhecimento do que se passou no casarão da rua Gonçalves Dias, no Funcionários, assim como nos arredores do solar, especialmente na Praça da Liberdade.

A fama do clima de Belo Horizonte como favorável à cura da tuberculose faz com que a família Vivacqua se transfira, por volta de 1920, de Cachoeiro de Itapemirim (ES) para a capital mineira. Um dos filhos, exatamente Achilles, havia contraído a enfermidade. O pai, Antônio, era imigrante italiano de origem camponesa; a mãe, Etelvina, era de família tradicional, ligada a antigos troncos aristocráticos mineiros. A autora do livro exprime lembranças dos pais.

Os filhos mais velhos se dispersaram aos poucos, por motivos profissionais e de casamento. Achilles, desde a morte do pai, assume o papel de "cabeça da casa", exercendo, principalmente pela retidão do

espírito e autenticidade do modo de ser, ascendência sobre os irmãos mais novos. As moças da casa eram tidas na cidade como inteligentes, cultas e modernas, conforme se assinala nos depoimentos que ficaram. Atraíam as atenções dos rapazes, inclusive dos jovens intelectuais ligados, por motivos literários, a Achilles Vivacqua. Enfim, a família foi muito bem acolhida em Minas e integrou-se na vida social de Belo Horizonte.

É um tempo, como se sabe, de renovação intelectual de Belo Horizonte, cidade que já contava com vários estabelecimentos de ensino, especialmente de nível superior, e com diversas instituições culturais. A imprensa era significativa, embora somente na segunda metade da década comecem a aparecer jornais mais estáveis. Os intelectuais jovens, inclusive os renovadores, passam a ser conhecidos por meio da publicação dos respectivos escritos. O renovar-se das letras está muito bem descrito no texto.

Aí começam a funcionar, no casarão dos Vivacqua, os concorridos saraus. Música e poesia. As executantes e declamadoras eram as belas moças da família. Depois vieram os jornais falados, com a participação dos moços. A autora lembra, em rápidos mas incisivos traços, os freqüentadores do Salão: Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Abgar Renault, Baptista Santiago, João Dornas Filho, Delorizano Moraes, Romeu Avelar, Milton Campos, João Alphonsus, Evágrio Rodrigues...

Li o texto, leve e envolvente, com dupla motivação: a do simples leitor aficionado em memórias e a do sociólogo.

Penso que Eunice Vivacqua escolheu bem o gênero adequado aos seus propósitos (reminiscências em vez de ensaio) e também o tom de sua escrita. Esta é lírica, lavrada com profundo sentimento, mas sem pieguice. O desejo de partilhar suas lembranças conosco, seus leitores, realizou-se plenamente. A antiga e bucólica Belo Horizonte nos é restituída em traços exatos, porém não destituídos de imaginação.

Como sociólogo, encantei-me com a descrição dos ambientes e com a narrativa dos fatos sociais, notadamente os modos de sociabilidade de uma família numerosa (pouco ortodoxa em seu patriarcalismo) e de suas relações com o mundo exterior. A vida cotidiana é resgatada com riqueza de informações sobre os brinquedos infantis, as

cantigas de roda, as devoções religiosas, a culinária e as histórias fabulosas que Sá Inácia contava. O primeiro capítulo dá conta de quase tudo isso, numa sucessão que vai desde o amanhecer até a hora de as crianças se recolherem; o segundo representa a visão poética da Praça da Liberdade, apresentada com um vivo senso cromático; o terceiro lembra, com sensibilidade e espírito generoso de ambos os lados envolvidos, o famoso incêndio do porão da casa dos Vivacqua; o quarto desperta de grande interesse ao descrever os bailes íntimos, mas não improvisados, pois exigiam cuidadosa preparação do *buffet* e da delicada etiqueta de aproximação entre rapazes e moças.

Louve-se o esforço, naturalmente tão entrelaçado com o conjunto das reminiscências, de tornar bem viva a memória de Achilles Vivacqua. Louvem-se, enfim, as epígrafes bem achadas.

No centro de tudo, o Salão. Eunice foi o vínculo competente entre o passado, feliz e enevado, e os remanescentes daqueles dias. Daí a importância da correspondência com os escritores, cujas cartas valorizam ainda mais este livro, presente da autora e do Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro para Belo Horizonte, no seu centenário.

NOTA SOBRE A AUTORA

Eunice Vivacqua nasceu em Cachoeiro de Itapemirim (ES). Em 1920, aos quatro anos de idade, mudou-se com a família para Belo Horizonte em busca de tratamento de saúde para seu irmão, o poeta Achilles Vivacqua. Restauradora de bens culturais desde a década de 50, tem atuado intensamente nessa área, recuperando pinturas, esculturas e obras em papel (livros, gravuras, plantas e partituras). Funcionária da Superintendência de Museus até 1992, tornou-se pesquisadora da arte mineira com ênfase na iconografia religiosa, atividade que lhe permite cultivar três de suas maiores paixões: a arte, a memória e a devoção cristã. Em 1993 fundou o Atelier Vivacqua Arte Restauo.

Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais
Alameda das Acácias, 70 - Pampulha
Cep 31275.150 - Belo Horizonte - MG
Tel (031) 448 9419 - Fax (031) 448 9696
e-mail: cehc@fjp.gov.br.rosel1

Esta obra foi produzida num sistema de editoração eletrônica Macintosh, usando os programas QuarkXPress 3.3 e Photoshop 4.0. O texto foi composto na fonte Gill Sans Light. Os fotolitos foram executados por Via Cromo Ltda., em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. A impressão foi realizada em papel pólen 120g pela Gráfica e Editora Rona Ltda. com uma tiragem de 1000 exemplares, para o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro. Primavera de 1997.

